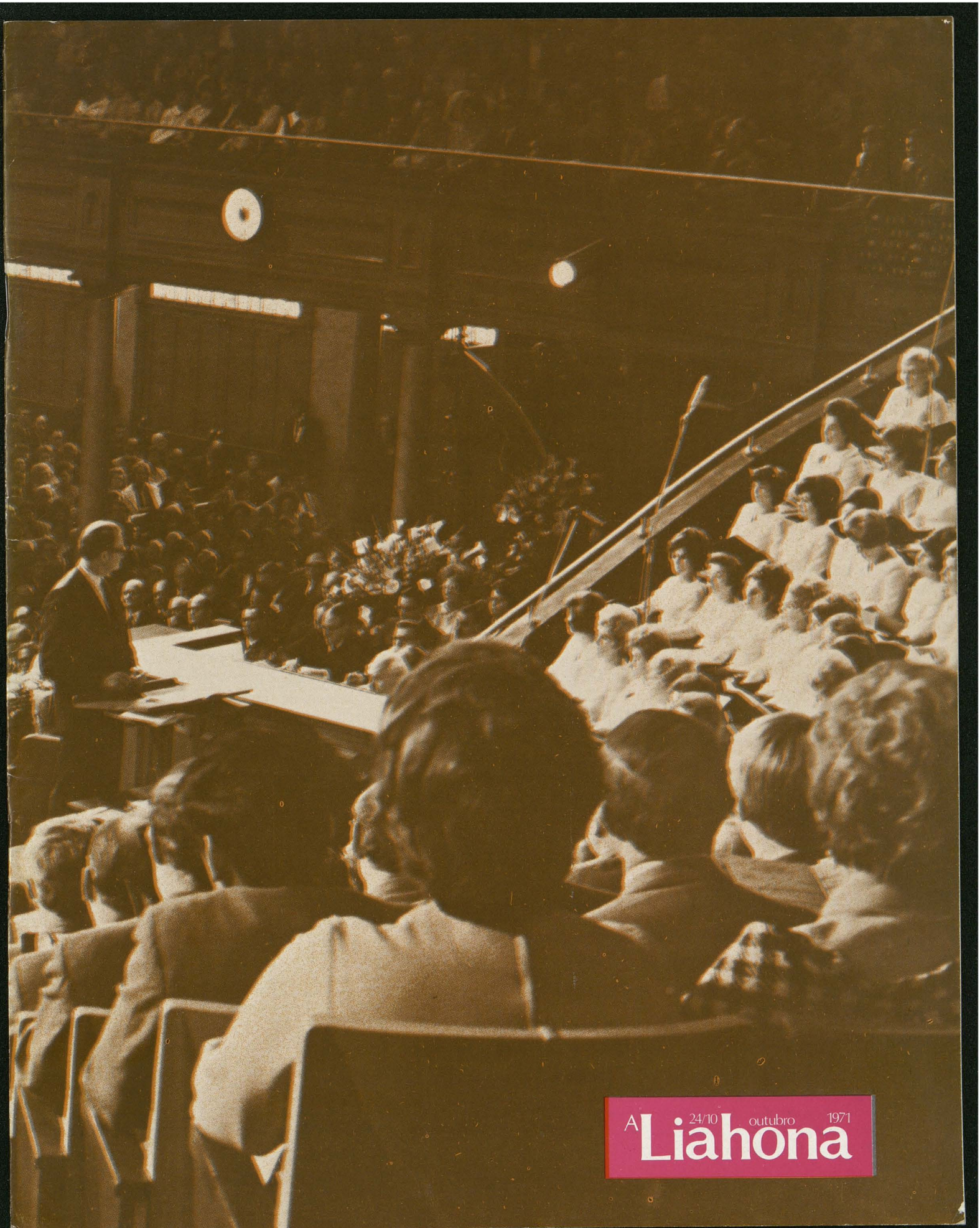


A Liahona 24/10 outubro 1971

MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO



Henry D. Taylor

Assistente do Conselho dos Doze

O **Senhor tem investido alguns indivíduos** com o dom e a capacidade de possuir e exercer os grandes poderes da fé. Um dêstes homens foi Henry A. Dixon. Embora casado e com muitos filhos, quando chamado pela Primeira Presidência para fazer uma missão na Grã-Bretanha, aceitou prontamente a designação, sem hesitar. Com três outros missionários como companheiros de viagem, partiu de St. John Island, em Newfoundland, no vapor "Arizona".

Durante a viagem, foram surpreendidos por violenta tempestade. Quando os missionários se preparavam para fazer as orações da noite, antes de retirarem-se, sentiram um impacto que fêz estremecer a embarcação inteira. Precipitando-se para o convés, descobriram que o navio, viajando a tôda velocidade, havia-se chocado com um gigantesco "iceberg". Um enorme, escancarado rombo havia sido aberto na proa e estendia-se até abaixo da linha da água. O capitão avisou que só com mar calmo é que êle e a tripulação poderiam levar o navio até o próximo pôrto, que ficava a uns 400 quilometros de distância.

O vento e a tempestade continuavam, sem esmorecimento. Muitas horas mais tarde, não podendo dormir, o Élder Dixon levantou-se, vestiu-se e foi para o convés. Em pé, ali, em meio à escuridão, com profunda humildade e grande fé, pelo poder do Santo Sacerdócio, repreendeu as ondas e ordenou-lhes que se acalmassem.

Trinta e seis horas depois, o navio pôde regressar e entrar no estaleiro do Pôrto St. John. De acôrdo com a promessa do Élder Dixon, nem uma única vida se havia perdido.

Conta-se que, quando o dono do navio, um certo Sr. Guion, soube do acidente, e tendo conhecimento de que missionários Mórmons estavam a bordo, disse:

— Não há nada com que me preocupar. Minha linha tem transportado missionários mórmons há quarenta anos e nunca perdeu um bote, quando êles, estavam a bordo!

Nêste Número:

Mensagem de Inspiração. Henry D. Taylor 2
Fora da Escuridão. Pres. Joseph Fielding Smith 3
A Barra de Ferro. Pres. Harold B. Lee 6
"Escolhei Hoje". Pres. N. Eldon Tanner 12
Amigos de Jules. Bernadine Beatie 17
Vozes do Presente... Pres. Spencer W. Kimball 21
Melhor é o Longânimo. ElRay L. Christiansen 25
Batalhões Perdidos. Thomas S. Monson 27
"Se o Senhor não Edificar a Casa". Gordon B. Hinckley 30
Notícias da Igreja no Brasil. 31

Capa

A **capa deste mês** apresenta uma reprodução em bicromia de uma foto tirada dentro do histórico tabernáculo Mórmon, na Cidade de Lago Salgado, Utah, durante a 141.ª Conferência Geral Anual. Alguns dos discursos apresentados na conferência estão incluidos neste número.

A Liahona 24/10 outubro 1971

Publicação Mensal da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias editada pelo
CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675 — 282-5948

EDITOR
Hélio da Rocha Camargo

REDATOR
Aldo Francesconi

ESTACA SÃO PAULO
R. Brig. Faria Lima, 1980, São Paulo, SP

ESTACA SÃO PAULO LESTE
R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

CORRESPONDENTE
Dante T. J. Pantiga

ESTACA SÃO PAULO SUL
R. Catequese, 432, Santo André, SP

CORRESPONDENTE
Nívio Varella Alcover

MISSÃO BRASIL CENTRAL
R. Henrique Monteiro, 215
CP 20.809, São Paulo, SP
Tel. 80-4638

CORRESPONDENTE
Michael Deputy

MISSÃO BRASIL SUL
R. Dr. Flôres, 105, 14.°
CP 1513, Pôrto Alegre, RS
Tel. 24-9748

CORRESPONDENTE
Robert Levonian

MISSÃO BRASIL NORTE
R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
CP 2502, ZC-00, Rio de Janeiro, GB
Tel. 225-1839

CORRESPONDENTE
Richard Stayner

CONSTRUÇÃO GERAL NO BRASIL
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 288-4118

CORRESPONDENTE
Manoel Marcelino Netto

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.° 1, de Matrículas de Oficinas Impressôras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.° 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editôra Gráfica Lopes, Rua Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações espontâneas e matéria oriunda dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

SUBSCRIÇÕES: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatural anual para o Brasil: Cr$ 12,00; para o exterior, simples: US$ 3,00; aérea: US$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 1,20; exemplar atrasado: Cr$ 1,50. As mudanças de enderêço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o nôvo enderêço, devendo-se aguardar até oito semanas para o processamento postal.

Fora da Escuridão

Presidente Joseph Fielding Smith

Presidente d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Meus queridos irmãos: Damos-lhes as boas vindas e saudamos a todos os que nos vêem e ouvem pelo rádio e a televisão. Sejam bem-vindos à 141.ª Conferência Anual d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Estamos hoje aqui para servir ao Senhor, para adorá-lo em espírito e verdade, para sermos alimentados com o pão da vida e para receber conselho e instrução daqueles que êle escolheu a fim de administrar os negócios da sua Igreja.

Espero sinceramente que todos os que aqui comparecem e todos aquêles cuja vida fôr tocada de algum modo por esta conferência, coloquem-se em sintonia com o Espírito, para que sejam edificados na fé e no testemunho e no desejo de guardar os mandamentos, fazendo aquilo que agrada ao Senhor.

Estamos engajados na obra do Senhor; esta é sua Igreja; êle é o autor do plano de salvação; é o Evangelho dêle que temos recebido pelos céus abertos em nossa época; e o nosso desejo e inteiro propósito na vida deveria ser acreditar nas verdades que êle tem revelado e conformar nossa vida com elas. Nenhuma pessoa, na Igreja ou fora dela, deveria acreditar em qualquer doutrina, advogar qualquer prática ou apoiar qualquer causa que não estivesse em harmonia com a vontade divina. Nosso único objetivo, no que concerne às verdades de salvação, deve ser descobrir o que o Senhor tem revelado e, então, crer e agir de acôrdo com elas.

Já que o Senhor nos tem revelado de nôvo o seu Evangelho e fêz d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias a guardiã e dispenseira de suas verdades salvadoras, desejo agora reafirmar, para a Igreja e para o mundo, uns poucos daqueles princípios eternos que devem ser aceitos pela humanidade, a fim de que se salve. Nosso conhecimento destas simples, mas profundas doutrinas, nos veio por revelação nesta dispensação.

Sabemos que nosso Pai Celestial é um personagem exaltado, glorificado, que tem todo o poder, tôda a fôrça, todo o domínio e que sabe tôdas as coisas. Testificamos que êle, através do seu Unigênito, é o Criador desta terra e de mundos sem número, todos habitados por seus filhos espirituais.

Testificamos que êle é infinito e eterno e que ordenou as leis pelas quais seus filhos espirituais podem adquirir o poder para desenvolver-se, progredir e tornar-se como êle.

Sabemos que a salvação está em Cristo; que êle foi o Primogênito do Pai Eterno; que foi escolhido e no conselho do céu, preorde-



nado para realizar a infinita e eterna expiação; que nasceu neste mundo como o Filho de Deus; e que trouxe à luz a vida e a imortalidade através do Evangelho.

Cremos com perfeita segurança que Cristo veio para resgatar os homens da morte temporal e espiritual, trazida ao mundo pela queda de Adão, e que tomou sôbre si os pecados de tôda a humanidade, sob condição de arrependimento.

Testificamos que o Evangelho de Jesus Cristo é o plano de salvação; e que através do sacrifício de nosso Senhor, todos os homens surgirão em imortalidade, para serem julgados por êle segundo os seus atos na carne; e que aquêles que crêem e obedecem à plenitude da lei do Evangelho, surgirão também para a vida eterna no reino de nosso Pai.

Cremos que é pela graça que somos salvos, depois de termos feito tudo o que pudermos, e que, construindo sôbre o alicerce da expiação de Cristo, todos os homens devem trabalhar pela sua salvação com temor e tremor diante do Mestre.

Proclamamos que, para ganhar a salvação, os homens devem crer no Senhor Jesus Cristo, arrepender-se de seus pecados, ser batizados por imersão por alguém que tenha autoridade, receber o dom do Espírito Santo pela imposição das mãos e, assim, seguir adiante com firmeza em Cristo, guardando os mandamentos e perseverando até o fim.

Anunciamos que êste plano de salvação, o plano do Evangelho, tem sido revelado aos homens em sucessivas dispensações, a começar pelo nosso pai Adão, o primeiro homem; que foi conhecido de Enoque e Noé, de Abraão e Moisés; que foi proclamado em singeleza aos antigos habitantes do continente americano; e que é o mesmo plano ensinado por Jesus e Pedro e Paulo, e os primeiros santos que viveram no meridiano dos tempos.

E mais — e isto é extremamente importante por dizer respeito a todos os homens vivos — cremos que, após uma longa noite de escuridão, descrença e afastamento das verdades puras e perfeitas do Cristianismo, o Senhor, em sua infinita sabedoria, restaurou novamente à terra a plenitude do Evangelho.

Sabemos que Joseph Smith é um profeta; que o Pai e o Filho apareceram a êle na primavera de 1820, para introduzir esta última dispensação do Evangelho; que êle traduziu o Livro de Mórmon pelo dom e poder de Deus; que recebeu chaves e autoridade de anjos enviados para êste exato propósito; e que o Senhor lhe revelou as doutrinas de salvação.

Anunciamos que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é o reino de Deus na terra, o único lugar a que os homens podem vir, para aprender as verdadeiras doutrinas de salvação e encontrar a autoridade do Santo Sacerdócio.

Cremos que o Espírito Santo é um revelador e que prestará testemunho às pessoas honestas de tôda parte, de que Jesus Cristo é o Filho de Deus, que Joseph Smith é um profeta e que esta Igreja é "a única igreja verdadeira e viva sôbre a face de tôda a terra". (D&C 1:30)

Ninguém precisa permanecer na escuridão; a luz do Evangelho eterno está aqui; e todo investigador sincero na terra pode receber um testemunho pessoal, dado pelo Espírito Santo, da veracidade e natureza divina da obra do Senhor.

Pedro disse: ...Deus não faz acepção de pessoas; mas lhe é agradável aquêle que, em qualquer nação, o teme e obra o que é justo." (Atos 10: 34-35), o que significa que o Senhor derramará o seu Espírito sôbre os fiéis, para que conheçam por si mesmos as verdades desta religião.

Agora, como um dentre vós que chegou a saber, pelo poder do Espírito Santo, que o Senhor restaurou o Evangelho e estabeleceu de nôvo o seu reino sôbre a terra pela última vez, presto meu testemunho da veracidade destas coisas.

Sei que Deus vive; que Jesus Cristo é o Unigênito do Pai; e sei que Joseph Smith e seus sucessores têm sido os instrumentos nas mãos do Senhor, para tornar as bênçãos do céu accessíveis aos homens da terra nos dias presentes.

Rogo a Deus que os propósitos do Senhor na terra, tanto dentro como fora da Igreja, sejam ràpidamente conseguidos; que abençõe os seus santos fiéis e que as hostes que buscam a verdade, cujos corações são justos perante o Senhor, possam tornar-se co-herdeiros conosco da plenitude das bênçãos do Evangelho restaurado.

E isto eu peço em nome de Jesus Cristo. Amém.



A BARRA DE FERRO

Presidente Harold B. Lee

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Oro sinceramente pelo espírito desta grande conferência durante os poucos minutos em que vou ocupar o púlpito.

Algum tempo atrás, o "Wall Street Journal" publicou um artigo que induzia à reflexão, escrito por eminente teólogo da Universidade de Columbia, intitulada "Um antídoto para a incerteza" o que, hão de convir, é condição que prevalece no mundo de hoje. Cito dêsse artigo as palavras do rabi Arthur Herlzterg:

"O que leva as pessoas à religião é uma ânsia metafísica fundamental, e quando essa avidez não é satisfeita, a religião decai... quanto mais o clero se torna mundano, mais depressa o mundo caminha para o inferno.

"... A religião representa a soma das ponderações humanas de milhares de anos, sôbre questões como a natureza do homem, o significado da vida, o lugar do indivíduo no universo. Êste é, precisamente, o ponto fundamental da inquietação humana.

"O homem procura algo que ponha fim ao seu estado de confusão e de vazio ... na linguagem atual, um antídoto para a incerteza. Não sabemos se as verdades da tradição religiosa podem ser interpretadas para satisfazer essa necessidade, mas estamos certos de que é aqui, e não no ativismo político, o caminho da religião para a aplicabilidade."

Como resposta àqueles que vagueiam na incerteza, buscando algo que satisfaça a sua

necessidade e ponha fim ao seu estado de confusão e de vazio, eu gostaria de apresentar algumas idéias relatando uma notável visão recebida por um profeta antigo, chamado Léhi — 600 anos antes de Cristo. Para os membros da Igreja, êste é um conhecido incidente registrado no Livro de Mórmon. Para aquêles que não participam de nossa fé, poderá ser, se ponderarem sèriamente, muito significativo à luz das muitas tendências da nossa moderna sociedade.

Neste sonho, ou melhor chamado visão, o profeta Léhi foi conduzido por um mensageiro celeste através de um escuro e lúgubre deserto até uma árvore carregada de delicioso fruto que provou ser muito satisfatório para sua alma. Êle avistou um rio próximo, ao longo do qual havia um estreito e reto caminho que conduzia à árvore carregada com o fruto delicioso. Entre a barranca do rio e o caminho, existia uma barra de ferro, presumìvelmente para proteger os caminhantes, a fim de que não caíssem do estreito caminho dentro do rio.

Enquanto olhava, viu grandes grupos de pessoas aglomerando-se, empurrando-se para ter acesso ao espaçoso campo onde se localizava a árvore frutífera. Ao mesmo tempo que a multidão avançava impetuosamente pelo caminho, levantou-se uma grande névoa de escuridão, tão densa, que muitos dos que iniciaram a caminhada perderam-se e extraviaram-se, afogando-se nas águas tenebrosas ou perdendo-se de vista, vagando por caminhos estranhos. Outros houve, entretanto, que, em igual perigo de se perderem devido à névoa que enceguecia, agarraram-se à barra de ferro, e, assim fazendo, não perderam a direção e também puderam partilhar das delícias que os haviam induzido a seguir, a despeito da arriscada jornada. Em frente, do outro lado do rio, havia multidões apontando os dedos encarnecedores para os que conseguiram chegar a salvo.

Como acontecia com muitos outros profetas antigos na história bíblica, os sonhos ou visões desta natureza eram eficientes meios pelos quais o Senhor se comunicava com seu povo através dos profetas-líderes. Do mesmo modo, êste sonho tinha grande significação, como o Senhor revelou ao profeta Léhi. A árvore carregada de frutos representava o amor de Deus concedido a todos os filhos dos homens. O próprio Mestre, em seu ministério terreno, explicou a Nicodemos como aquêle grande amor era manifesto. Disse êle: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquêle que nêle crê não pereça, mas tenha a vida eterna"; e o Mestre acrescentou: "Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fôsse salvo por êle." (João 3:16-17).

A barra de ferro vista na visão era a palavra de Deus, ou o Evangelho de Jesus Cristo, que leva à árvore da vida, comparada por Jesus, quando conversou com a mulher Samaritana, a uma "fonte (de água viva) que salta para a vida eterna." (João 4:14).

Aquêles, vistos na visão, que se encontravam do outro lado rio apontando os dedos escarnecedores, representavam as multidões da terra que se unem para lutar contra os apóstolos do Cordeiro de Deus. Os escarnecedores, assim revelou o Senhor, representavam a pretensa sabedoria do mundo, e o edifício mesmo, no qual estavam reunidos, era "o orgulho do mundo" (Vejam 1 Néfi 11-12).

Se há uma coisa necessária nesta época de tumulto e frustração, quando homens e mulheres, jovens e adultos, buscam desesperadamente as respostas para os problemas que afligem a humanidade, é uma "barra de ferro" como guia seguro ao longo do caminho reto que conduz à vida eterna, em meio às desconhecidas e tortuosas estradas que eventualmente levariam à destruição e à ruína de tudo o que é "virtuoso, amável ou louvável".

Estas condições, que seriam encontradas na terra quando as Escrituras hoje conhecidas como o Livro de Mórmon viessem à luz, foram

A BARRA DE FERRO

preditas pelos profetas. Enquanto leio algumas dessas predições, gostaria de que pensassem nas condições que nos rodeiam hoje em dia:

"Sei que andais segundo o orgulho de vossos corações e poucos há entre vós que não se exaltem com orgulho, a ponto de... entregarem-se à inveja, à malícia, às disputas, perseguições e a tôda sorte de iniquidades... em virtude do orgulho de vossos corações.

"...eis que amais o dinheiro, vossos bens, vossos custosos trajes e o adôrno de vossas igrejas mais do que amais os pobres e necessitados, os doentes e aflitos." (Mórmon 8:36-37).

O apóstolo Paulo também falou de um tempo de perigo, quando "haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos.

"Sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons.

"Traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus.

"Tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela... (II Tim. 3:2-5).

Há muitos que professam ser religiosos e intitulam-se cristãos e, de acôrdo com um dêsses, afirmam "aceitar as Escrituras apenas como fontes de inspiração e de verdade moral" e, então, perguntam em sua vaidade: As revelações de Deus dão-nos um corrimão para o seu reino, como mostrou a Léhi o mensageiro celeste, ou são meramente uma bússola?"

Infortunadamente, alguns há entre nós que clamam ser membros da Igreja, mas que são mais ou menos parecidos com os escarnecedores da visão de Léhi — mantendo-se à distância e igualmente inclinados a zombar dos fiéis que decidem aceitar as autoridades da Igreja como testemunhas especiais do Evangelho e agentes de Deus na direção dos negócios da Igreja.

Na Igreja, há os que intitulam a si mesmos de liberais e que, como disse um dos nossos ex-presidentes, "lêem à luz do seu próprio conceito". (Joseph Fielding Smith, Gospel Doctrine, p. 373). Certa vez, perguntei a um dos nossos educadores líderes como definiria um liberal na Igreja. Êle respondeu em uma sentença: "Um liberal na Igreja é meramente alguém que não tem testemunho."

O Dr. John A. Widtsoe, ex-membro do Quorum dos Doze e eminente educador, fêz uma declaração relativa a esta palavra "liberal" e sua aplicação aos que pertencem à Igreja. Eis o que disse:

"O que se qualifica como liberal (na Igreja) é geralmete alguém que rompeu com os princípios fundamentais ou filosofia orientadora do grupo a que pertence... Reclama sua condição de membro de uma organização, mas não acredita em seus conceitos básicos; e planeja reformá-la, alterando os seus fundamentos...

"É tolice falar de uma religião liberal, se aquela religião declara que se apóia em verdades imutáveis."

E o Dr. Widtsoe conclui a sua declaração com o seguinte: "É bom usar de cautela com as pessoas que vão por aí proclamando que elas ou suas igrejas são liberais. As probalidades são de que a estrutura de sua fé seja construída sôbre a areia e que não resista às tempestades da verdade. ("Evidences and Reconciliations", Improvement Era, vol, 44/1941/ p. 609).

Aqui novamente, para usar a figura de linguagem da visão de Léhi, estão aquêles que foram cegados pela névoa de escuridão, sem que tivessem agarrado a "barra de ferro".

Não seria maravilhoso se, quando houvesse perguntas sem resposta, porque o Senhor ainda não julgou conveniente revelá-las, todos êsses pudessem dizer, como se alega que o fêz Abraão Lincoln: "Aceito tudo o que leio na Bíblia e que posso entender, e aceito o resto pela fé."

Que confortador seria para aquêles que estão entre as inquietações do mundo intelec-

tual, se, ao levantarem-se questões como a origem da terra e do homem, pudessem responder como o fêz um eminente cientista e devotado membro da Igreja. Uma irmã havia perguntado: "Por que o Senhor não nos informou com simplicidade essas coisas? "O cientista respondeu: "Parece que é porque não teríamos compreendido se o fizesse. Seria o mesmo que tentar explicar a teoria da energia atômica a uma criança de oito anos."

Não seria grande, se todos os que são bem instruídos no conhecimento secular pudessem agarrar-se à "barra de ferro", ou à palavra de Deus, que haveria de conduzi-los, através da fé, ao entedimento, ao invés de perderem-se pelos caminhos tortuosos das teorias dos homens e de deixarem-se arrastar pelas águas tenebrosas da descrença e da apostasia?

Ouvi um de nossos próprios cientistas eminentes dizer algo sôbre o que acreditava ser a causa de muitos professôres universitários estarem-se afastando da Igreja: a causa é a tentativa de filosofar ou intelectualizar a queda de Adão e a subseqüente expiação do Salvador. Isto porque preferiam aceitar as filosofias dos homens ao que o Senhor tem revelado, até que êles, e nós, sejamos capazes de entender os "mistérios da Divindade", explicados aos profetas do Senhor e mais plenamente revelados nos lugares sagrados.

No tempo do Mestre havia questões e controvérsias evidentemente semelhantes. Em uma resposta sucinta, êle deu os ingredientes essenciais para a segurança em meio ao labirinto das incertezas:

Para pôr fim a uma visível controvérsia entre os discípulos sôbre quem seria o maior no reino dos céus, êle disse: "...se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus." (Mat. 18:3).

Ser convertido, de acôrdo com as Escrituras, significa ter o coração transformado, desviando o caráter moral do poder dominador do pecado para uma vida de retidão. Significa "esperar pacientemente no Senhor", até que suas orações sejam respondidas e até que o coração receba a luz, como testificou Ciprião, defensor da fé no Período Apostólico, e eu passo a citar: "Dentro do meu coração, purificado de todo pecado, entrou uma luz vinda do alto, e então, sùbitamente e de maneira maravilhosa, vi a certeza substituir a dúvida."

Conversão deve significar mais do que ser um membro "registrado" na Igreja, com um recibo de dízimo, um cartão de membro, uma recomendação para o templo etc. Significa sobrepujar as tendências para criticar e esforçar-se de maneira contínua por melhorar-se ìntimamente e não apenas manter as aparências.

O Senhor advertiu aquêles que procurassem destruir a fé de um indivíduo ou tentassem afastá-lo da palavra de Deus ou ainda o fizessem largar a "barra de ferro", onde havia segurança pela fé em um Divino Redentor e em seus propósitos para esta terra e seu povo.

O Senhor admoestou: "Mas qualquer que escandalizar um dêstes pequeninos, que crêem em mim, melhor lhe fôra que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de azenha, e se submergisse na profundeza do mar." (Mat. 18:6).

O Mestre ressaltava o fato de que melhor seria sofrer a morte terrena do que expor-se à penalidade de comprometer o próprio destino eterno, desgraçando a alma de um verdadeiro crente.

O apóstolo Paulo também mostrou o perigo dos falsos ensinamentos pelo mau exemplo. Disse êle: "Mas vêde que essa liberdade não seja de alguma maneira escândalo para os fracos.

"E pela tua ciência perecerá o ... fraco, pelo qual Cristo morreu.

"Ora, pecando assim contra os irmãos, e ferindo a sua fraca consciência, pecais contra Cristo." (I Cor. 8:9, 11-12).

Falando à instruída e bastante sofisticada geração do seu tempo, o profeta Jacó disse algo que parece ser muito necessário repetir hoje: "...Quando são instruídos, pensam que

A BARRA DE FERRO

são sábios e não ouvem os conselhos de Deus, pondo-os de lado, supondo que sabem por si mesmos; portanto, sua sabedoria é insensatez e não lhes traz proveito.

"Mas é bom ser instruído quando se ouve os conselhos de Deus." (2 Néfi 9::28-29).

Agradecemos fervorosamente ao Senhor pela fidelidade e devoção de muitos, dentro ou fora da Igreja, que ocupam altos cargos nos negócios, nos círculos governamentais, nas profissões legais; doutôres, assistentes sociais, enfermeiros, e os que labutam nos campos das ciências e das artes. Somos particularmente gratos por aquêles que aceitam posições de liderança na Igreja, que servem como mestres familiares ou líderes de classe no Sacerdócio ou nas auxiliares, que se colocam à disposição para trabalho voluntário, ajudando a cuidar dos menos afortunados em tôdas as terras e entre minorias de dentro e de fora da Igreja, e dando particular atenção às necessidades das viúvas e dos órfãos.

A todos êsses, eu digo, como Jesus falou a Zaqueu: "Hoje veio a Salvação a (sua) casa." (Lucas 19:9). Êsses são aquêles que estão firmemente agarrados à "barra de ferro", a qual nos pode levar a todos, em segurança, à árvore da vida.

Li recentemente uma coluna no "Washington Post", escrita por George Moore, que denominava a si mesmo de o "eremita do Monte Vernon". (O Monte Vernon, como se sabe, foi o lar ancestral de George Washington). Nesse artigo, êle diz: "Tenho gasto os últimos vinte anos de minha vida em Monte Vernon, reduzindo minha ignorância". Afirmou que uma pessoa jamais aprende algo até que compreenda o pouco que sabe. Nesse artigo, faz esta iluminada observação sôbre George Washington:

"Washington nunca freqüentou escola. Esta é a razão de ter sido um homem culto: êle nunca parou de aprender."

"O que George Moore disse de si mesmo, suponho que possa ser dito de muitos de vocês e de mim mesmo: "Tenho gasto mais de sessenta anos de minha vida reduzindo minha ignorância."

Aí está, disso tenho convicção, o desafio para todos os que conseguem distinguir-se em qualquer campo. Alguns param de aprender, quando tiram seu diploma; outros param de aprender o Evangelho, quando completam uma missão para a Igreja, outros param de aprender, quando se tornam executivos ou alcançam uma posição preeminente dentro da Igreja ou fora dela.

Lembrem-se, como George Moore disse de Washington: "Podemos tornar-nos pessoas instruídas, não importa que posição tenhamos na vida, se jamais pararmos de aprender."

O ex-presidente americano Dwight D. Eisenhower[1] escreveu: "Qualquer homem que faça bem o seu trabalho, que tenha justificada confiança em si, e que não se deixe perturbar indevidamente pelas zombarias dos cínicos e dos relapsos, qualquer homem que permaneça fiel a causas decentes e saiba considerar os outros, é, em essência, um líder. Tenha sido ou não jamais escolhido para notoriedade, está destinado a alcançar grande satisfação íntima, realizando trabalho elevado.

"E esta é, diga-se de passagem, a razão pela qual o bom Deus nos colocou sôbre a terra". ("What is leadership?" Reader's Digest, Junho de 1965, p. 54).

Com a restauração do Evangelho de Jesus Cristo e o estabelecimento da Igreja na dispensação da plenitude dos tempos, recebemos instruções por revelação, cuja magnitude foi, como explicou o ex-presidente Brigham H. Roberts, "não meramente para saber se o batismo devia ser por imersão ou para remissão dos pecados, mas que o lixo de tôdas as eras foi eliminado, os rochedos foram transformados em deserto e os alicerces do Reino de Deus foram novamente assentados."

Pode parecer absurdo para muitos declarar que entre os ensinamentos d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias pode ser encontrado um baluarte de proteção contra

as ciladas, as frustrações e as fraquezas do mundo. O plano de salvação elaborado nos céus aponta claramente o estreito e apertado caminho que conduz à vida eterna, muito embora tantos se recusem a seguir por êle.

Em uma grande revelação, o Senhor deu instruções por mandamento aos líderes da Igreja daqueles primeiros dias, dizendo que deveriam buscar a verdade em muitos campos.

Em primeiro lugar, é claro, ordenou-lhes que deveriam "(ensinar) a doutrina do reino uns aos outros... em tôdas as coisas que pertencem ao reino de Deus..." (D&C 88:77-78).

Daí, orienta quanto ao vasto campo de conhecimentos, sôbre o qual deveríamos pesquisar. Sua Igreja não deveria ser um ministério ignorante nos vários campos do conhecimento secular.

E então o Senhor dirigiu sua revelação a todos os outros que possam não ter fé: "... procurai conhecimento, mesmo pelo estudo e também pela fé." (D&C 88:118).

Poder-se-ia perguntar: "Como se aprende pela fé?" Um profeta explica o processo: Primeiro, é preciso despertar as faculdades, pondo à prova as palavras do Senhor e desejar crer. Deixe êsse desejo trabalhar em você, até que creia de tal maneira, que possa dar lugar até mesmo para uma porção da palavra do Senhor; então, como a semente plantada, êle deve ser cultivado e não resistir ao Espírito do Senhor, o qual ilumina a todos os que nascem no mundo; aí, você pode sentir dentro de si que aquilo deve ser bom, pois dilata a sua alma e ilumina o seu entendimento e, como o fruto da árvore na visão de Léhi, torna-se-lhe delicioso. (Veja Alma 32)

Atribui-se a um novelista inglês a seguinte citação: "Aquêle que procura a Deus já o encontrou".

Que ninguém pense que "aprender pela fé" tem em vista um meio fácil e preguiçoso de adquirir conhecimento e transformá-lo em sabedoria.

Das instruções celestiais, às quais se somam as experiências de quase todos os que têm buscado diligentemente a orientação divina, pode-se depreender prontamente que o aprendizado pela fé requer a completa submissão da alma através do viver digno, para tornar-se sintonizada com o Espírito Santo do Senhor, o despertar das profundezas da nossa própria pesquisa mental e o entrelaçamento de nossos próprios esforços para receber o verdadeiro testemunho do Espírito.

A missão desta Igreja é prestar testemunho das verdades do Evangelho e lançar por terra os falsos ensinamentos que estão causando a inquietação e a incerteza que ameaçam a todos os que ainda não encontraram o caminho reto, que poderá ser uma âncora para suas almas.

Minha fervorosa oração é que eu possa apontar a verdadeira Luz de Cristo para todo o mundo. Que todos possam conhecer com certeza, como eu, através de estudo, oração e fé, sei com segurança, como o Senhor declarou a Marta, que lamentava a morte de Lázaro, que o Senhor e Mestre é de fato "a ressurreição e a vida; (e) quem crê (nêle), ainda que esteja morto, viverá.

"E todo aquêle que vive e crê (nêle), nunca morrerá..." (João 11:25-26).

Agradeço a Deus por poder responder, como Marta e como Pedro no passado: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo". (Mat. 16:16).

"Sim, Senhor, creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo." (João 11:27).

Disto presto meu solene testemunho, no sagrado nome de nosso Senhor e Mestre, Jesus Cristo. Amém.

---

1. **Eisenhower, Dwight D. — 34.º presidente dos Estados Unidos da América, 1890-1969.**
2. **Roberts, Brigham H. — Um dos presidentes do Primeiro Conselho dos Setentas, 1857-1933.**



"ESCOLHEI HOJE"

Presidente N. Eldon Tanner
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Temos ouvido muito últimamente sôbre as séries "Último Sermão", nas quais os que prelecionam escolhem o assunto como se fôsse o último sermão que profeririam. Com isto em mente, escolhi meu assunto para esta conferência como se fôsse o meu último sermão — a mais importante mensagem que poderia deixar com o povo.

Assim, o tema tratado é extraído de Josué:" ...escolhei hoje a quem sirvais; ... porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor." (Josué 24:15).

Pouco depois de dizer isto, Josué, com 110 anos de idade, faleceu, deixando esta como a sua mensagem de despedida.

Enquanto ouvíamos os maravilhosos discursos proferidos nesta conferência e ao ouvirmos os que ainda virão, tenho certeza de que compreendemos que todos êles ressaltam a importância de servir ao Senhor.

Todos nos lembramos de como Moisés conduziu os filhos de Israel, libertando-os da escravidão e de como os egípcios foram destruídos pelo Mar Vermelho; de como o Senhor entregou em suas mãos os amorreus e o povo de Jericó, de modo que êles pudessem ocupar suas terras, e de como Josué lembrou ao seu povo as palavras do Senhor:

"E eu vos dei a terra em que não trabalhastes, e cidades que não edificastes, e habitais nelas; e comeis das vinhas e dos olivais que não plantastes."

Então disse Josué: "Agora pois temei ao Senhor, e servi-o com sinceridade e com verdade: e deitai fora os deuses aos quais serviram vossos pais dalém do rio e no Egito e servi ao Senhor.

"Porém, se vos parece mal aos vossos olhos servir ao Senhor, escolhei hoje a quem sirvais: se os deuses a quem serviram vossos

pais, que estavam dalém do rio, ou os deuses dos amorreus, em cuja terra habitais: porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor."

Então advertiu: "Se deixardes ao Senhor, e servides a deuses estranhos, então se tornará, e vos fará mal, e vos consumirá, depois de vos fazer bem." E amedrontados, êles responderam: "Serviremos ao Senhor nosso Deus, e obedeceremos à sua voz." (Josué 24:13-15, 20, 24).

Encontramos situação análoga a esta na história dos nossos antepassados pioneiros, os quais, por causa das suas convicções religiosas, tiveram que fugir de sua bela cidade, abandonando seus lares. Embora sofressem demais, e muitos morressem, permaneceram fiéis à sua fé, e mesmo enfrentando tôdas as provações por que passaram, enquanto penosamente cruzavam as planícies, ainda cantavam: "Chegando a morte, tudo irá bem, Vamos paz todos ter". Bendisseram o nome do Senhor, seu Deus, a continuaram a servi-lo, e através de seu justo empenho, foram abençoados e prosperaram, êles e sua posteridade.

Ao lermos as Escrituras e ao estudarmos a História do mundo, encontramos numerosos exemplos em que indivíduos, comunidades e até mesmo nações que escolheram servir ao Senhor foram salvos e prosperaram. — não por sua humana genealidade, mas pela vontade divina — enquanto outros, que se recusam a fazê-lo, sofreram a sua ira, sendo esmagados e destruídos.

Como registra o Livro de Mórmon: "E eis que esta é uma terra escolhida, e tôda nação que a possuir será livre da servidão, do cativeiro e de tôdas as outras nações debaixo do céu, se servirem ao Deus da terra, Jesus Cristo..." (Éter 2:12).

Que gloriosa promessa! Mas encontramos as mesmas restrições, os mesmos "se" sôbre os quais Josué advertiu o seu povo: **"Se** deixardes ao Senhor e servides a deuses estranhos, então se tornará, e vos fará mal, e vos consumirá". A promessa em Éter é condicional: **"se** servirem ao Deus da terra, Jesus Cristo." Estaremos destinados à destruição por falharmos em servir a Jesus Cristo e em viver de acôrdo com seus ensinamentos?

Em seu livro **Civilization on Trial,** publicado em 1948, Arnold J. Toynbee parece captar esta mensagem, ao referir-se à ascensão e queda das civilizações e ao reconhecer o motivo do seu declínio. O autor define a História e sua maneira de repetir-se, e então diz:

"Nossa presente situação é realmente temível. Um exame da paisagem histórica, à luz do nosso conhecimento existente, mostra que, até agora, a história tem-se repetido cêrca de vinte vêzes produzindo sociedades humanas da espécie a que pertence a nossa sociedade Ocidental, e mostra também que, com a possível exceção da nossa própria, tôdas essas representantes das espécies de sociedade chamadas civilizações já estão mortas ou então agonizando. E mais, quando estudamos a história dessas civilizações mortas e moribundas comparando-as entre si, encontramos indicações do que parece ser um padrão recorrente no processo de seu abatimento, declínio e queda. É natural que perguntemos a nós mesmos hoje em dia, se êsse capítulo particular da História está fadado a repetir-se em nosso caso. Estará êsse padrão de declínio e queda reservado para nós, por nossa vez, como um decreto do qual nenhuma civilização poderá escapar?"

O autor continua, expressando sua opinião de que o padrão dos sucessos ou fracassos passados não tem de ser repetido, necessàriamente. Diz êle: "Como seres humanos, somos dotados com esta liberdade de escolha, e não podemos transferir nossa responsabilidade para os ombros de Deus ou da natureza. Devemos carregá-la nós mesmos. **Isso é conosco."** Toynbee sugere o que devemos fazer para sermos salvos política, econômica e religiosamente, e declara: "Das três tarefas, a religiosa é, naturalmente, e sempre foi a mais importante." (New York: Oxford University Press, pp. 38-40)

Sugiro-lhes que, se fôssemos espiritualmente perfeitos, se estivéssemos vivendo os ensinamentos de Jesus, a quem **devemos** servir se quisermos sobreviver como indivíduos e como nação, então os problemas políticos e

"ESCOLHEI HOJE"

econômicos já estariam resolvidos, porque, vivendo os Dez Mandamentos e outros mandamentos de Deus, poderíamos todos viver em paz e prosperidade. Ao revermos êsses ensinamentos, não podemos encontrar neles nada que não nos faça melhores e mais felizes em todos os sentidos.

Estamos lembrados da destruição de Sodoma e Gomorra, sendo Sodoma a cidade principal, situada no centro do Jardim de Jeová; de Tiro e Sídon, sendo a primeira uma florescente cidade de grande opulência e beleza e talvez a maior metrópole visitada pelo Salvador; e de Jerusalém, e outras grandes cidades e civilizações que caíram por afastarem-se de Deus e tornarem-se um povo adúltero e iníquo. E temo que isso esteja acontecendo rapidamente em nossa própria nação.

O poema profético de Rudyard Kipling, intitulado "God of Our Fathers, Known of Old", foi uma advertência ao grande e poderoso Império Britânico, quando êste estava no apogeu de sua glória, e poderia ser uma advertência para tôdas as nações. Êle escreveu:

"Deus de meus pais, ó Santo Deus,
De nosso povo és Senhor.
Vem libertar os filhos teus
Com teu amor, com teu amor.
Teus mandamentos, ó Senhor,
Não nos permitas esquecer!
Morrem os gritos e o clamor.
Passa dos reis o vão poder,
Mas teu divino esplendor
Há de viver, há de viver.
Teus mandamentos, ó Senhor,
Não nos permitas esquecer!
Na terra, homens e nações,
Cheios de vera contrição,
Erguem a Ti seus corações,
Rogam contritos proteção.
Pai das nações, o teu perdão
Não nos permitas esquecer! (1)

Esses exemplos realçam claramente que há fôrça na humildade e fraqueza no orgulho. Se não nos arrependermos e mudarmos a nossa rota, estaremos repetindo a história de Sodoma e Gomorra. Analisemos nossas realizações e descubramos onde estão colocados os nossos valores. Temos caminhado a passos largos nos campos científicos. Enviamos homens à lua e os trouxemos de volta, fabricamos uma bomba nuclear e fizemos grandes progressos nos métodos de guerra, mas o que temos feito no interesse da paz? O que temos feito no campo das relações humanas? Que progresso fizemos no terreno da espiritualidade?

Poderá alguém deixar de ver que nós também estamos vivendo num mundo adúltero e iníquo, que estamos falhando em servir a Deus, que estamos certamente na rota da destruição, quando em quase todos os jornais, revistas e estações de rádio e TV lemos e ouvimos falar da quebra de tôdas as leis de Deus: roubo, incêndio e pilhagem, assassinato, adultério, rapto, morte e calamidade através do alcoolismo; igrejas vazias, e lojas, parques e avenidas cheias no domingo. Muitos de nós que clamamos ser cristãos, podemos ser acusados de algumas dessas coisas.

Como disse alguém: "Se tivéssemos de ir para o cárcere por ser cristãos, imagino se haveria suficiente evidência disto." Temos sido advertidos e re-advertidos. Não podemos alegar ignorância. Se quisermos salvar a nós mesmos, a nossas famílias e ao nosso país, devemos, como ensinou Pedro, arrepender-nos, ser batizados, mudar nossos caminhos e voltar e servir ao Senhor e guardar os seus mandamentos. A responsabilidade repousa sôbre nós, como indivíduos. Precisamos de um renascimento espiritual.

Poderão imaginar que mundo glorioso seria êste, se todos estivessem vivendo os ensinamentos do Evangelho, amando a Deus e guardando os seus mandamentos? Se todos nós nos amássemos mutuamente, se não houvesse calúnia nem assassinatos, nem roubos, se cada um fôsse honesto, verdadeiramente casto e benevolente? Não teríamos guerras, mas paz e céu aqui na terra, e poderíamos ver o dinheiro que hoje é gasto em guerra, manutenção da lei e em crimes, usado para propó-

(1) Nota do tradutor: Esta adaptação do poema de Kipling é a letra do hino n.º 58 do hinário SUD em português.

sitos dignos de ajuda ao necessitado, ao doente e ao menos afortunado.

Quando o Senhor contou a Abraão que estava para destruir Sodoma por causa de sua iniquidade, Abraão rogou primeiro que o Senhor a poupasse, se ali houvesse apenas cinqüenta justos, e, ao final, apenas dez justos. O Senhor concordou, mas não puderam encontrar nem mesmo dez justos, e assim, a cidade foi destruída. Certifiquemo-nos de que podemos ser contados entre os justos, em cujo benefício o Senhor pouparia a nossa cidade e o nosso país. É de suma importância que decidamos se vamos ou não servir ao Senhor. Êle mesmo disse: "Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom." (Mat. 6:24).

A escolha de servir a Deus, dignamente feita não impede necessariamente que se possua uma casa ou dinheiro suficiente ou rendas, ou as coisas materiais que trazem alegria e felicidade, mas sim requer que **não** nos afastemos de Deus e dos ensinamentos de Jesus Cristo, enquanto procuramos satisfazer as nossas necessidades temporais.

Minha experiência através da vida tem-me demonstrado que, se vivermos os princípios do Evangelho como foram ensinados por Jesus Cristo e pelos profetas, servindo ao Senhor e guardando os seus mandamentos, isso contribuirá enormemente para o nosso sucesso nas coisas proveitosas da vida, tanto temporal como espiritualmente. Criaremos melhores famílias e contribuiremos mais para a comunidade do que aquêles que negam ao Senhor e ignoram seus ensinos. De fato, se atentarem nas pessoas que conhecem, descobrirão que aquelas que possuem vidas verdadeiramente cristãs são mais felizes, mais amadas e respeitadas, enquanto se preparam para a vida eterna.

O Senhor disse também: "Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração." (Mat. 6:19-21).

Faço minhas conjecturas sôbre a nossa indevida preocupação pelos bens materiais, por relicários e monumentos que se esboroam e caem. Ainda outro dia, li uma notícia sôbre a deterioração do Lincoln Memorial. Esta é uma notícia de fato perturbadora para todos nós, que reverenciamos aquêles que muito fizeram para construir e servir o seu país. Mas, ao lermos detalhadamente sôbre as paredes de pedra calcária e as colunas de mármore do monumento de quarenta e oito anos de idade, deteriorando-se, perdendo sua argamassa, com estalactites e estalagmites transformando seus alicerces e uma lúgubre caverna, milhões de aranhas e minúsculos insetos alados enxameando sôbre o teto, temos então um notável exemplo de que a traça e a ferrugem de fato corroem os tesouros terrenos. Ao prestarmos homenagem às reverenciadas memórias de pessoas e lugares, estejamos ao mesmo tempo diligentemente engajados em nossos deveres espirituais e na preservação dos tesouros que não podem ser ofuscados pelo tempo.

Lembro-me da história de Henry Van Dyke "A Mansão", onde êle conta sôbre um homem rico que vivia numa mansão aqui na terra, mas que ficou chocado ao descobrir que possuía uma pequenina cabana, quando chegou ao céu. Mas o homem pobre descobriu, para sua surpresa, que possuía uma mansão no céu, porque estivera acumulando para si tesouros celestes.

Durante a nossa existência, estamos continuamente tomando decisões que determinarão o que levaremos da vida. Aproveitaremos as nossas oportunidades de aperfeiçoamento ou desperdiçaremos o nosso tempo? Faremos o certo ou o errado? Iremos à Igreja ou profanaremos o Dia do Senhor? Serviremos a Deus ou a Mamom? Não podemos dividir nossa vassalagem. A vida deve encontrar sua supremacia.

Isto não significa que o homem seja totalmente mau nem totalmente bom, mas, a qualquer momento, êle precisará ter uma orientação dominante, e a escolha de Deus ou Ma-

"ESCOLHEI HOJE"

mom ajuda-nos a determinar as outras escolhas que faremos na vida.

A fim de entrar em plena posse das bênçãos que Deus prometeu àqueles que o servem e guardam seus mandamentos, é importante que os pais ensinem aos filhos a fé no Altíssimo. O Senhor admoestou:

"E novamente, se em Sião ou em qualquer de suas estacas organizadas, houver pais que, tendo filhos, não os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, e do batismo, e do dom do Espírito Santo pela imposição das mãos, ao alcançarem oito anos de idade, sôbre a cabeça dos pais seja o pecado.

"Pois isto será lei para os habitantes de Sião ou para os de qualquer de suas estacas organizadas.

"E, quando alcançarem os seus filhos os oito anos de idade, deverão ser batizados para a remissão de seus pecados, e receberão a imposição das mãos.

"E êles também ensinarão as suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor." (D&C 68:25-28).

Compreendendo a importância de tal treinamento, a Igreja insta para que seus membros observem religiosamente as reuniões familiares, frequentem seminários, institutos, escolas, colégios e organizações auxiliares, os quais ajudam a prepararmo-nos, e a nossos filhos, para servir ao Senhor. Não devemos adiar o cumprimento deste dever e desta obrigação.

Fiquei fortemente impressionado ao ouvir o presidente dos graduados pela Universidade de Brighan Young, o médico Ernest L. Wilkinson, contar sôbre um chamado de emergência que o levou à Unidade de Cuidados Intensivos das Coronárias do Hospital SUD (na cidade do Lago Salgado), onde um seu amigo íntimo se encontrava em condição crítica, com uma trombose maciça das coronárias. O médico relata: "Ao aproximar-me de sua cama, êle agarrou minha mão e através de uma máscara de oxigênio, oprimido pela dor e respirando com muita dificuldade, murmurou: 'Oh! Doutor, poderá salvar-me? Há tantas coisas que tenho adiado e que desejo fazer!'

"Ao lutarmos durante tôda a manhã, utilizando tôda a aparelhagem eletrônica moderna que a ciência médica pode fornecer, e ao tornar-se cada vez mais evidente que meu amigo não sobreviveria, fui perseguido pelo seu apelo e pela inferência dêle. Somos pensadores ou cumpridores? Quantos de nós adiam as decisões realmente importantes na vida? Seremos encontrados esperando, quando nós também estamos na encruzilhada da vida e da morte?"

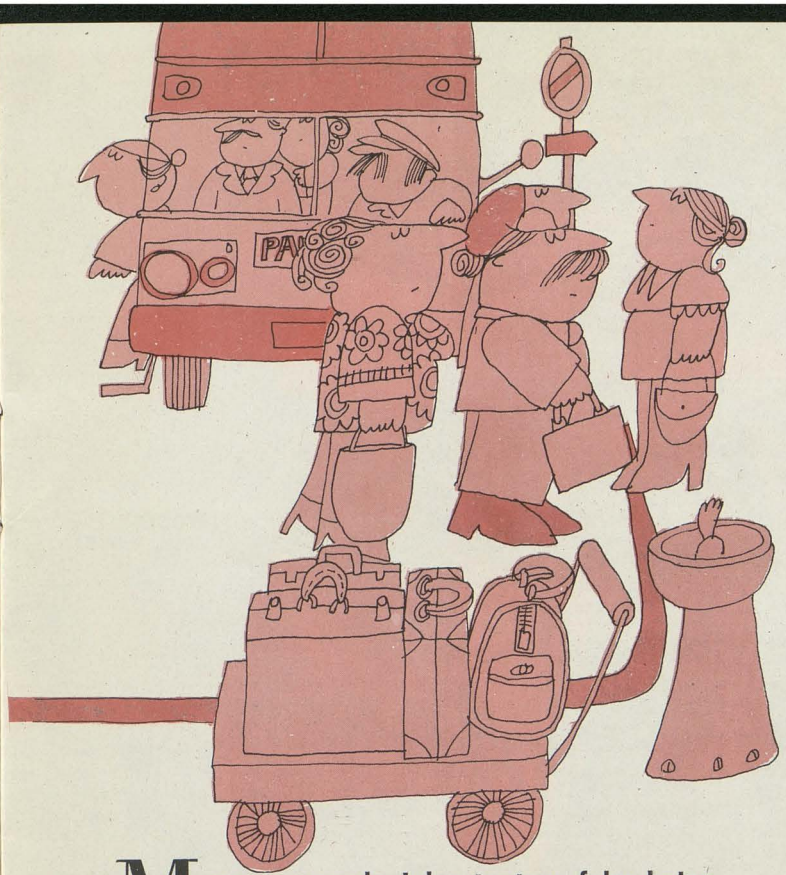
Esta, é de fato, uma questão séria e urgente. Estamos todos nos aproximando da encruzilhada da vida e da morte. Que afortunados somos por podermos escolher! Que coisa gloriosa é saber que podemos optar pela nossa rota, traçar nosso destino e determinar as nossas bênçãos! Não é tarde demais. A decisão é nossa, mas devemos escolher **hoje** a quem serviremos.

Agradeço ao Senhor todos os dias por saber que Deus, o Pai, de quem somos filhos, vive e deseja que tenhamos êxito e que "Amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquêle que nêle crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

"Porque Deus enviou o seu filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fôsse salvo por êle." (João 3:16-17).

Sim, Jesus Cristo deu a vida por nós e deu-nos o plano pelo qual podemos desfrutar a vida em sua plenitude e trabalhar pela nossa salvação. Como Richard L. Evans tão belamente afirmou: "Nosso Pai Celeste não é um árbitro que está tentando nos dar por vencidos. Não é um adversário que tenta burlar-nos. Não é um promotor tentando nos condenar. É um pai amoroso que deseja a nossa felicidade e o nosso progresso eterno, e que nos ajudará de tôdas as maneiras que puder, se apenas lhe dermos, em nossa vida, a oportunidade de fazê-lo."

Oro sinceramente para que tenhamos a coragem e a fôrça para nos humilharmos, aceitarmos a nosso salvador, Jesus Cristo, e servi-lo, e dêste modo, gozarmos as bençãos que êle tem prometido. Em nome de Jesus Cristo, Amém.



AMIGOS DE JULES

Bernardine Beatie

Ilustrado por Sherry Thompson

Mesmo quando Jules tentava falar baixo, sua forte e alegre voz podia ser ouvida de um extremo ao outro da pequena vila francesa onde vivia.

Hoje, sua voz soava ainda mais forte e mais alegre do que o normal.

— Pierre! Pierre! — gritou a seu melhor amigo, que morava na casa ao lado. Vou a Paris, visitar minha **Tante** Ivette!

Pierre, Maurice e Raoul, que brincavam juntos, vieram correndo.

— Quando você vai? perguntou Raoul, com os olhos escuros brilhando.

— Amanhã! ribombou Jules.

Pirre balançou a cabeça melancolicamente.

— As pessoas da cidade não são camaradas. Quando estive em Paris, ninguém sequer falou comigo.

— Você tentou fazer amigos? perguntou Jules.

Pierre deu de ombros.

— Como se pode fazer amigos entre pessoas que estão ocupadas demais para responder mesmo a uma pergunta polida?

— Não se preocupe, Jules, falou Raoul consoladoramente. De qualquer modo, será divertido.

— **Oui,** concordou Pierre. Você vai assistir à grande parada no Dia da Bastilha!

— E verá a Torre Eiffel e espetáculos de marionetes! acrescentou Maurice.

— **Oui,** disse Jules. Mas sua voz já não tinha o costumeiro tom alegre. Depois de um momento, sorriu. Talvez Pierre estivesse errado. Nem todos deviam ser intratáveis numa cidade tão grande como Paris.

Na manhã seguinte, entretanto, quando Jules tomou o grande ônibus para Paris, lembrou-se das palavras de Pierre. Ninguém olhava para êle e ninguém falava. Jules estava em pé, segurando desajeitadamente sua maleta em uma das mãos, e na outra, um saco cheio de verduras para **Tante** Ivette.

— Sente-se ali. O motorista fez um sinal, indicando-lhe o lugar vazio ao lado de uma senhora vestida de preto, de expressão severa.

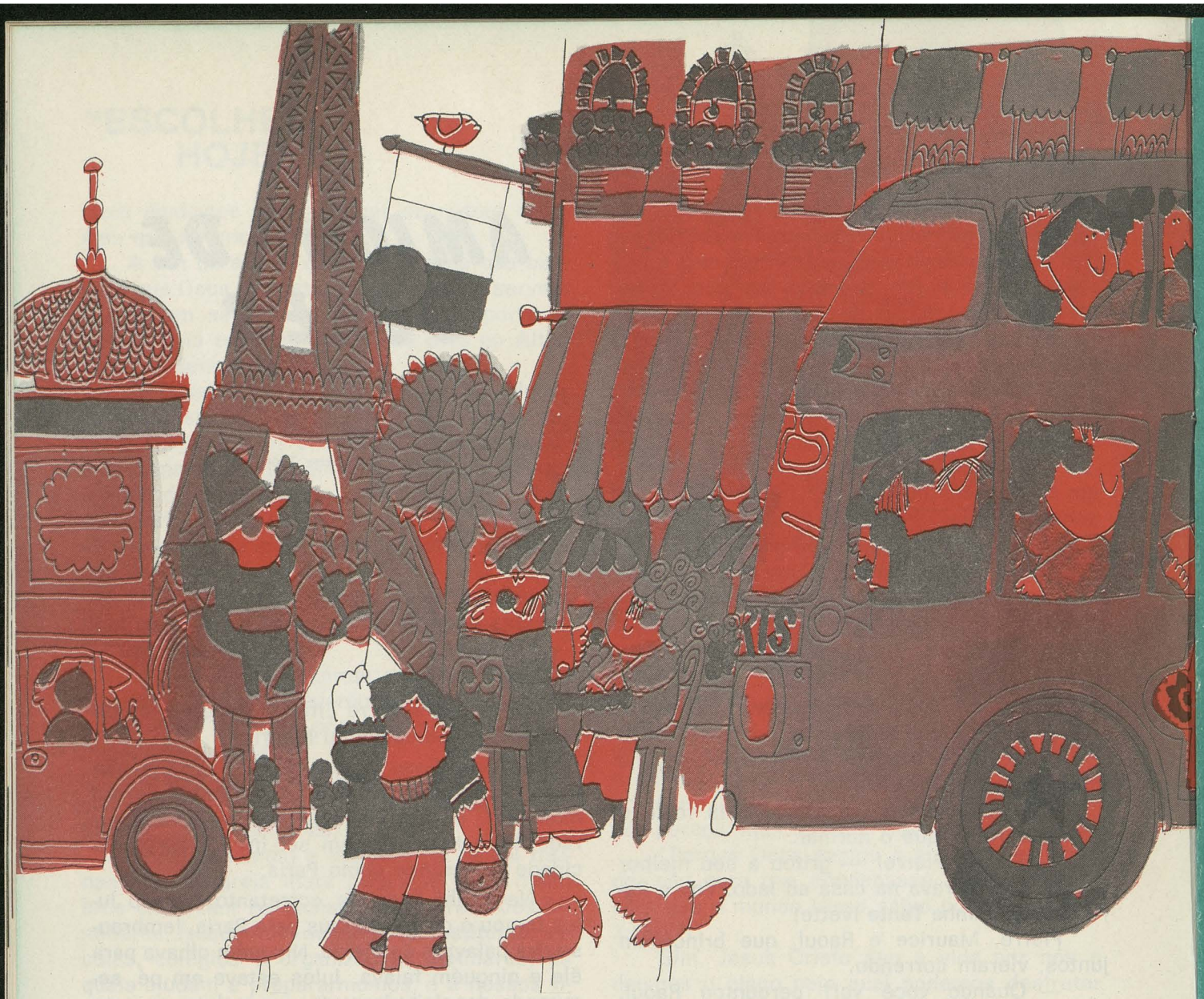
— Ponha sua maleta e o pacote no bagageiro, acima do seu lugar.

— **Oui, monsieur. Merci.** A voz forte de Jules ecoou através do ônibus.

Todos ergueram os olhos, sobressaltados.

— **Bonjour, madame.** Jules tentou falar baixinho à sua companheira de banco, mas sua voz ribombou como o badalar de um sino.

A mulher respondeu friamente com uma inclinação da cabeça. Jules ficou na pontinha dos pés, para colocar seus pertences no baga-



geiro, exatamente quando o ônibus deu um solavanco.

— Oôôpa! gritou Jules, e caiu ao chão, recebendo uma chuva de nabos, batatas e repolhos.

A mulher de preto não apresentava mais uma expressão severa, parecia preocupada.

— Machucou-se? perguntou ela.

— **Non, madame,** reboou Jules, com o rosto vermelho. Mas eu esperava carregar as verduras de meu pai e não vesti-las. O menino riu, enquanto retirava uma réstia de cebolas que ficara pendurada em sua cabeça.

Ouviu-se uma risadinha vinda do fundo do ônibus e, de repente, todos estavam rindo abertamente.

— São para minha **Tante** Ivette. Vou visitá-la em Paris, explicou o menino a um homem de grandes bigodes negros que sentava-se na poltrona ao lado.

— É sua primeira viagem? perguntou o homem, sorrindo.

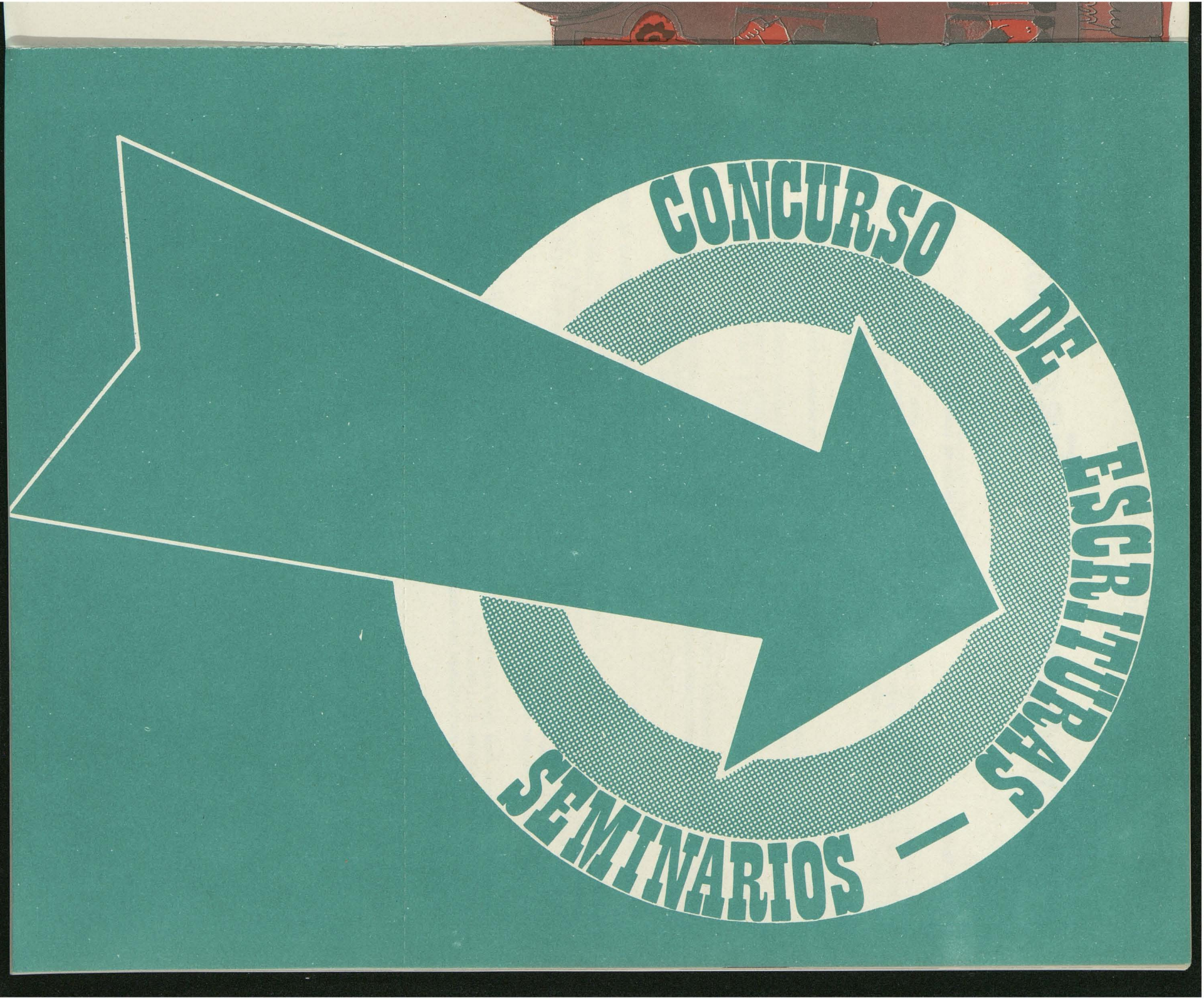
— **Oui, monsieur,** ressoou a voz amiga de Jules.

A mulher que ocupava o lugar atrás de Jules apanhou um nabo para êle.

— Quase não se vêem tão bons nabos na cidade, disse ela,

— Fique com êle, **madame!** retumbou Jules.

Um murmúrio de aprovação correu pelo ônibus e logo todos estavam rindo e conversando. Cada um contou de um lugar favorito em Paris que Jules devia visitar. Até o moto-


CONCURSO
DE
ESCRITURAS
—
SEMINARIOS

Departamento de Seminários e Institutos de Religião

Concurso de Escrituras

Regras Gerais

O concurso patrocinado pelo Departamento de Seminários e Institutos de Religião da Igreja no Brasil, terá pleno apoio d'A Liahona para sua realização.

Quem pode participar

Todos os jovens, rapazes e môças entre 14 e 21 anos de idade, seminaristas ou não.

Prêmios

Os três primeiros colocados receberão medalhas alusivas. O **concurso extra,** para seminaristas, terá prêmios **surprêsa.**

Como transcorrerá o concurso

O concurso constará de 4 (quatro) testes escritos, publicados sob a forma de encartes, nos exemplares de **setembro, outubro, novembro** e **dezembro.** Os testes deverão ser respondidos **sòmente** no impresso (encarte) que acompanha o exemplar da revista.

Haverá um teste final para seminaristas em **fevereiro de 1972** (no exemplar d'A Liahona dêsse mês, publicaremos a relação dos competidores que devem apresentar-se para a final).

Ficha de cadastro

Junto com o 1.º teste o jovem competidor preencherá uma ficha com informações pessoais, devolvendo-a **A Liahona** — Caixa Postal 19.079 — São Paulo — SP., para que sejam consignadas em espaço próprio, as notas atribuidas a cada teste.

Critério de notas e correção

Cada resposta receberá nota 0 (zero) ou 1 (um). Os testes serão corrigidos mediante confronto com o gabarito lacrado e arquivado no CEB, na presença de testemunhas.

O exame e avaliação dos testes será de responsabilidade do Coordenador dos Seminários no Brasil e seu pessoal competente (professôres).

Até quando um jovem pode participar do concurso

Os testes publicados nos números de **setembro** e **outubro,** serão aceitos até **30-10-71.** Os de **novembro** até **30-11-71** e os de **dezembro** até **31-12-71.**

Publicação dos gabaritos

Os gabaritos dos testes de **setembro** e **outubro,** serão publicados no mês de dezembro. O de **novembro** em **Janeiro/72,** o de **dezembro** em **fevereiro/72,** com a lista de classificação.

DESTAQUE AQUI — PREENCHA ESTA FICHA E REMETA-A JUNTAMENTE COM O SEU TESTE

FICHA DE INSCRIÇÃO — CONCURSO DE ESCRITURAS — 1971

NOME _____ DATA DE NASCIMENTO _____ SEXO — M ☐ F ☐

ENDERÊÇO COMPLETO _____ ALA/RAMO/DISTRITO/ESTACA/MISSÃO _____ GRAU DO SACERDÓCIO _____

NOTAS:

TESTE N.º 1	TESTE N.º 2	TESTE N.º 3	TESTE N.º 4	TESTE N.º 5	CLASSIFICAÇÃO

TESTE N.º 2

1 — Graças a um jovem sacerdote do rei Noé, temos preservadas as palavras de Abinádi. Quem foi êsse sacerdote?

R. .....

2 — Quem foi o homem no Livro de Mórmon que em primeiro lugar mudou a forma de governo de reinado para um governo do povo?

R. .....

3 — Dos quatro indícios abaixo, indique o homem a que se referem:

a. era nefita

b. vivia em Amoniah

c. foi confundido por Amulek

d. foi convertido à Igreja

R. .....

4 — Em que idioma Néfi, filho de Lehi escreveu os seus relatos?

R. .....

5 — O livro de Ester faz referência várias vêzes ao nome do duodécimo mês do calendário hebráico. Qual seu nome e quais os versículos em que é citado?

R. .....

6 — As Escrituras abaixo referem-se a um assunto específico. Qual é?

a. Hebreus 12:9

b. Jeremias 1:4

c. Abraão 3:22-23

d. Alma 13:3

R. .....

7 — Um dos livros do Pentateuco faz referência a uma lei de arquitetura imposta aos judeus em construções de casas, cite qual é essa lei?

R. .....

8 — Se você desejasse mostrar a alguém a passagem que indica a data exata (dia, mês e ano), da restauração do Sacerdócio Aarônico, onde procuraria? Cite livro,capítulo e versículo.

R. .....

9 — Onde, no Livro de Doutrina e Convênios, podemos encontrar as orações sacramentais?

R. .....

10 — Quais os nomes dos primeiros quatro lugares, nestes últimos dias escolhidos para serem edificados os Templos de Sião?

R. .....

Fontes de referência:
Bíblia — Edição Revisada e Corrigida — J. F. Almeida
Livro de Mórmon — Edição 1970
Doutrina & Convênios e Pérola de Grande Valor — Edição conjunta 1967
A Liahona





rista estava amável e sorridente, quando o ônibus alcançou os arrabaldes de Paris.

— Sob minha palavra! gritou Jules com uma voz que parecia uma buzina e com os olhos alargados pelo espanto.

— A cidade é tão grande!

— Não muito maior do que sua voz, **mon petit,** riu **madame** Dumont, sua companheira de banco.

— Eu tento falar baixo, mas às vêzes esqueço, sorriu Jules mostrando os dentes alvos.

— A sua é uma voz feliz e jovial! disse **madame** Garros, segurando o nabo que Jules lhe dera.

— De fato, concordou **monsieur** Charvet do outro lado do ônibus. Ela fêz com que nos sentíssemos todos como velhos amigos.

Nesse momento, o ônibus deteve-se em uma plataforma ao lado de uma grande estação, e sùbitamente, tudo mudou! Ninguém mais sorria. Estavam todos em pé, agarrando suas bagagens, avançando e empurrando pelo corredor. Todos saíram sem dizer até logo e Jules ficou sòzinho no enorme ônibus. Reunindo seus pertences, desceu para a plataforma apinhada e procurou por **Tante** Ivette. Ela não estava ali. Um calafrio percorreu as costas de Jules. Dirigiu-se apressado para a estação. Esta também estava abarrotada, mas a sua tia não estava ali.

Jules vasculhou os bolsos à procura do pedaço de papel no qual sua mãe havia escrito o número do telefone de **Tante** Ivette. Êle estendeu sua mão para tocar o braço de um ho-

mem que passava apressadamente. O homem olhou carrancudo, empurrou a mão de Jules e continuou o seu caminho. Jules suspirou. Pierre estava certo, as pessoas da cidade grande não eram amistosas!

Jules correu em direção de um carregador que puxava um carrinho cheio de bagagem.

— Você pode ajudar-me? perguntou. Sua grande voz estrondosa ecoou pelas paredes e subiu até o teto da estação:

— Eu preciso chamar minha **Tante** Ivette."

— Jules! uma voz chamou pelo lado direito de Jules.

— Jules! outra voz chamou pela sua esquerda.

— Meu pobre garoto! chamou ainda outra voz.

O coração de Jules encheu-se de alegria quando **monsieur** Charvet e **mesdames** Dumont e Garros acorreram a êle.

— Eu pensei que uma de vocês fôsse ficar com Jules até que êle encontrasse sua tia! disse **monsieur** Charvet, olhando acusadoramente para as duas mulheres.

— E nós pensamos que você fôsse ficar! disse **madame** Garros.

— Não se preocupe, Jules. Nós encontraremos sua **Tante** Ivette, acrescentou **madame** Dumont.

— **Regardez!** gritou Jules com felicidade, e apontou emocionado para uma senhora gorda de cabelos cinzentos, caminhando apressadamente para êles:

— Meu táxi atrasou-se devido ao trânsito, explicou **Tante** Ivette, quase sem fôlego.

— Você ficou assustado quando não me viu?

— No começo sim, trovejou Jules. Então meus amigos do ônibus voltaram para me ajudar.

Jules apresentou **Tante** Ivette aos seus novos amigos.

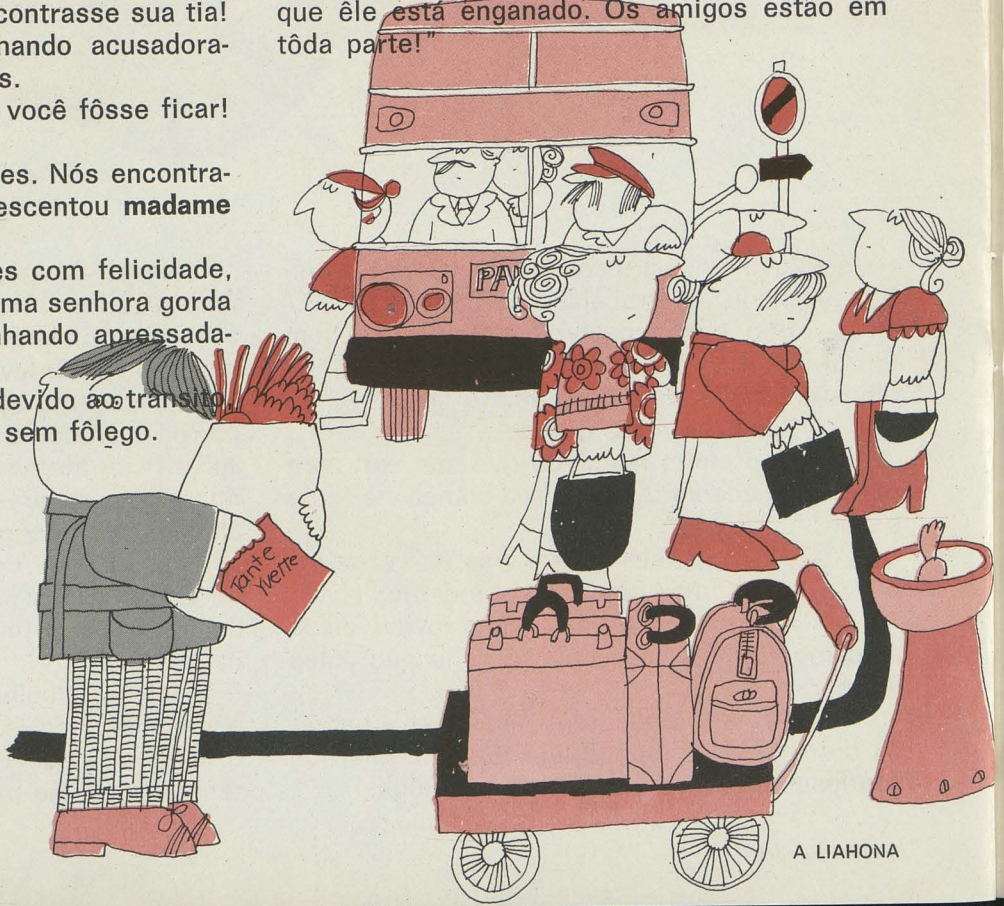
Monsieur Charvet inclinou-se cortesmente e disse:

— Quero que todos vocês sejam meus convidados para almoçar amanhã. Nós formaremos um clube beneficiente para ajudar forasteiros em nossa cidade.

— Ótima idéia! exclamou **madame** Dumont.

— **Oui!** E chamaremos nosso clube de "Amigos de Jules", disse **madame** Garros.

Jules apenas pôde acenar com a cabeça, pois estava tão feliz, que, pela primeira vez, estava sem palavras. "Nesta noite escreverei a Pierre, pensou consigo mesmo, e lhe direi que êle está enganado. Os amigos estão em tôda parte!"



Vozes do Passado, do Presente, e do Futuro

Presidente Spencer W. Kimball
Presidente em Exercício do Conselho dos Doze



Amados irmãos, irmãs e amigos, endosso plenamente tudo o que foi dito pelo Presidente Smith e testifico que êle é o profeta de Deus sôbre a terra, atualmente.

A História se repete e tudo o que temos a fazer é recorrer ao passado, a fim de aprender as soluções para o presente e o futuro. Os Coríntios parecem ter sido perturbados pelas mesmas mensagens conflitantes que ouvimos em nossa própria época. Paulo disse-lhes: "Porque, se a trombeta der sonido incerto, quem se preparará para a batalha?

"...porque estareis como que falando no ar.

"Há... tanta espécie de vozes no mundo e nenhuma delas é sem significação." (I Cor. 14:8-10).

Paulo foi uma voz impressiva, poderosa e forte, jamais silenciada em todos os séculos intermédios.

Há "vozes" por tôda a parte, ao nosso redor. Algumas ásperas e roucas, outras doces e penetrantes.

As revelações de Paulo incluíram visões sobre estes últimos dias. Sua voz diz: "...nos últimos tempos apostarão alguns na fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios;

"Pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência;

"Proibindo o casamento, e ordenando a abstinência dos manjares..." (I Tim. 4:1-3).

Vozes de novo! Roufenhas vozes, proclamando "doutrinas de demônios," dizendo que não há pecado, não há diabo, não há Deus. Dizendo-nos: "Come, bebe e folga", como os antediluvianos que jamais acreditaram que o dilúvio viesse realmente.

Muitas vozes de espíritos sedutores advogam os prazeres carnais e desenfreadas satisfações físicas. Nosso mundo de hoje é muito parecido com o que foi nos dias do profeta nefita, que disse "...se não fôsse pelas orações dos justos... vós seríeis agora mesmo visitados por completa destruição..." (Alma 10:22). Logicamente, há muitos e muitos justos e fiéis que vivem todos os mandamentos e cujas vidas e orações salvam o mundo da destruição.

Estamos vivendo nos últimos dias, dias perigosos e assustadores. As sombras estão-se adesando e a noite rasteja sorrateiramente para nos envolver.

A voz clara de Paulo: "...nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos.

"Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos... blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos.

"Sem afeto natural... incontinentes...

"...mais amigos dos deleites do que amigos de Deus. (II Tim. 3:1-4).

Um eminente colunista escreveu sôbre nossos dias: "Uma coisa é certa: não nos serão concedidos séculos para uma queda lenta e confortável. Temos um inimigo agora — sem remorsos, cruel, brutal e arrogante... (que acredita) estarmos em adiantado estado de decadência moral... (e) ...amadurecendo para o abate." (Jenkín Lloyde Jones, **Human Events,** 24 de novembro de 1961).

Recentemente, perguntou-se às pessoas na rua: "Castidade está fora de moda?" As respostas: "A moral mudou, a virgindade está ultrapassada. É tempo de amor." "As virgens são realmente sobrenaturais." "Há poucas virtuosas atualmente." Uma garota disse: "A castidade está fora de moda, porque, nestes dias esclarecidos, as pessoas são mais livres."

Sim: livres para pecar, livres para quebrar leis. Livres para contrair doenças venéreas. Livres para encurtar sua vida, livres para negar a Deus; livres para estar livres de tôdas as liberdades reais.

Vemos o nosso mundo atolando-se nas profundezas da corrupção. Todos os pecados mencionados por Paulo estão agora generelizados em nossa sociedade.

Homens e mulheres são "amantes de si mesmos". Vangloriam-se de suas realizações. Praguejam. Blasfemam. Outro pecado é a desobediência dos filhos aos pais e dos pais à lei. Muitos são desprovidos de afeto natural, o que parece estar corroendo a vida familiar, à medida que procuram satisfazer os seus desejos egoístas.

Diz-se que há milhões de pervertidos que renunciaram a seu afeto natural e desviaram-se do namôro e das relações normais do casamento. Essa prática está-se alastrando como fogo no mato rasteiro e transformando o nosso mundo. Esses não têm "afeto natural" por Deus, nem por cônjuges e nem mesmo por crianças.

Paulo fala de continência — palavra quase esquecida pelo nosso mundo. Segundo o dicionário, ela significa auto-refreamento, especialmente em atividades sexuais. Muita gente boa, influenciada pelo descarado espírito da época, está agora procurando cirurgia para a espôsa ou para o marido, a fim de poder evitar a gravidez e anuir à voz estridente que exige a redução do número de filhos. Nunca foi fácil ter e criar filhos, mas as coisas fáceis não promovem crescimento e desenvolvimento. Porém, altas, espalhafatosas vozes gritam hoje: "Menos filhos"! E oferecem pílulas, drogas, cirurgia e mesmo o horrível abôrto para consegui-lo. É estranho, os proponentes do despovoamento do mundo parecem nunca ter pensado na continência!

As bibliotecas são lotadas de livros com gravuras chocantes que demonstram às pessoas como satisfazer totalmente sua natureza animal, mas encontram-se poucos livros sôbre o auto-contrôle da continência. Com a teoria de que "A vida é para o sexo", a imaginação dos homens cria meios de alcançar mais completamente o que êles chamam de "realização sexual", a qual é exigida às custas de todo o resto — família, lar, vida eterna. Deveriam ecoar da imprensa, das tribunas de conferências e dos púlpitos, profundas e ressonantes vozes que incitassem os homens a elevarem-se acima do que é carnal e a repousarem sua mente em coisas limpas e sagradas.

Paulo pregou a continuidade e o auto-domínio. E praticou-os, ficando anos no campo missionário.

Era isto o que tinha em mente, quando disse: "Porque quereria que todos os homens fôssem como eu mesmo...

"...lhes é bom se ficarem como eu." (I Cor. 7:7-8).

"Antes subjugo o meu corpo, e o reduzo à servidão... (I Cor. 9:27).

Paulo fala de "amigos dos deleites mais do que amigos de Deus." Isto não descreve a impudica liberalidade sexual dos nossos dias?

Paulo fala daqueles que "...se introduzem pelas casas, e levam cativas mulheres néscias carregadas de pecados, levadas de várias concupiscências;" (II Tim. 3:6).

A imoralidade parece receber agora a piscadela aprovadora de pessoas outrora honradas. A libertinagem nunca deu à luz nada de bom, e Paulo disse: "Mas a que vive em deleites, vivendo está morta." (I Tim. 5:6). Mas agora vem uma voz celestital: "Não cometerás

adultério, e o que cometer adultério, e não se arrepender, será expulso." (D&C 42:24).

Muitas vozes, altas e ásperas, vêm de educadores, homens de negócio, sociólogos, psicólogos, escritores, atores de cinema, legisladores, juízes e outros, e mesmo de alguns clérigos, os quais, por terem aprendido um pouco sôbre alguma coisa, parecem pensar que sabem tudo a respeito de tôdas as coisas.

Essa pretensão e êsse orgulho são instigados pelo astuto pai das mentiras. Ouçam a voz de um profeta nefita descrevendo a aceitação, por parte dessas pessoas, do "astuto plano do maligno":

"...é bom ser instruído quando se ouve os conselhos de Deus." (II Néfi 9:29).

"...Quando são instruídos, pensam que são sábios... supondo que sabem por si mesmos; portanto sua sabedoria é insensatez... E êles perecerão." (II Néfi 9:28).

A voz de Pedro estava certa, quando chamou os ímpios de "animais irracionais que pereceriam em sua própria corrupção. Chamou-os de "nódoas... e máculas, deleitando-se em seus enganos", "tendo os olhos cheios de adultério"; "engodando as almas inconstantes." Fala das suas concupiscências da carne e dissoluções"; e aquêles que retornam a seu pecado depois de terem sido limpos, êle compara ao cão que volta ao seu próprio vômito, e à porca, que, tendo sido lavada, retorna a seu espojadouro de lama. (Ver II Pedro 2:13-22).

Apoiando a Pedro, vem a voz de Paulo dirigida a Tito: "Tôdas as coisas são puras para os puros, mas nada é puro para os contaminados e infiéis: antes o seu entendimento e consciência estão contaminados.

"Confessam que conhecem a Deus, mas negam-no com as obras, sendo abomináveis, e desobedientes, e reprovados para tôda a boa obra." (Tito 1:15-16).

Muito se tem dito sôbre a frustração da juventude. Conquanto dificilmente possamos justificar suas excentricidades, desobediência e evidente perda da fé, talvez parte da culpa por suas frustrações possa ser deixada aos pais que lhes deram um exemplo de desobediência às leis dos homens e à lei de Deus.

Certamente, alguma culpa pode ser atribuída às vozes vindas dos palanques, salas de redação ou estações radiofônicas, e até mesmo dos púlpitos.

Tais vozes terão de responder por sua perpétua falsidade, e por sua falência em proporcionar verdadeira liderança no combate ao mal. "E o que suceder ao povo, sucederá ao sacerdote..." (Isaías 24:2). O têrmo "sacerdote" é aqui usado para designar todos os líderes religiosos de qualquer fé. Isaías disse: "Na verdade a terra está contaminada por causa dos seus moradores; porquanto transgridem as leis, mudam os estatutos, e quebram a aliança eterna." (Isaías 24:5). Dentre as vozes discordantes, ficamos chocados com as de muitos sacerdotes que encorajam a contaminação do homem e fecham os olhos às tendências desagregadoras e que negam a onisciência de Deus. Certamente, êsses homens deveriam manter-se firmes, embora alguns se rendam ao clamor popular.

Apresento-lhes algumas citações da imprensa:

"Muitos clérigos relutam em dar um definido **sim** ou **não** à marijuana." "Depende das circunstâncias" (Time, 16/8/68).

Criaram-se "códigos de ética" que parecem abranger todos os pecados.

Outros líderes religiosos estão dizendo: "...regras precisas de conduta cristã não devem necessàriamente aplicar-se a problemas de sexualidade". (Londres — Conselho Britânico de Igrejas).

Em contraste, ouçam a poderosa voz de um profeta. Pedro profetizou: "E também houve entre o povo falsos profetas, como entre vós haverá também falsos doutores, que introduzirão encobertamente heresias de perdição, e negarão o Senhor que os resgatou...

"E muitos seguirão as suas dissoluções, ..." (II Pedro 2:1-2).

Ainda êste mês, os jornais publicaram a proposta do líder aposentado de uma grande igreja, sugerindo o "restabelecimento dos antigos contratos de casamento que permitiriam a jovens casais solteiros dormirem juntos com as bênçãos da igreja" e que "não seria considerado, no sentido moral como fornicação".

E agora, a voz de um comentarista: "Recentemente, a indústria cinematográfica anunciou solenemente que, de agora em diante, a perversão e o homossexualismo não mais serão censurados no vídeo... Estamos afogando nossos jovens em violência, cinismo e sadis-

mo, canalizados para dentro da sala de estar..." (J. L. Jones).

Citando trechos de publicações mais ou menos recentes: "A conferência da igreja .... aprovou hoje a recomendação para que o homossexualismo entre adultos anuentes não mais deveria ser infração criminal..."

A voz de uma revista muito lida: "...um grupo de ministros .....em São Francisco, acha que as igrejas têm a obrigação de abandonar suas críticas aos homossexuais..."

Foi publicado que grupos de ministros e suas espôsas compareceram a uma festa promovida por homossexuais e lésbicas para levantar fundos para o programa de perversão. A revista citou: "...que tôdas as escolas da região teriam que ser fechadas imediatamente, se todos os homossexuais que trabalham atualmente nos sistemas escolares fôssem descobertos e, de acôrdo com a lei estadual, demitidos." (Newsweek, 13/2/67).

O ministro citado teria dito: "...duas pessoas do mesmo sexo podem expressar amor e aprofundar êsse amor por meio de relações sexuais." (Ibid).

Estas são horrendas vozes — ruidosas e dissonantes.

Por que falamos nisto? Por que chamamos ao arrependimento quando há assuntos tão agradáveis? É porque alguém precisa advertir o mundo de seu destino, se a vida não mudar de rumo.

Lembramo-nos de um verso de Pope:

"O vício é um monstro de aparência
tão terrível,
Que, para ser odiado, só precisa ser
visto
Porém, vendo-o com frequência,
acostumados com seu semblante
Primeiro resistimos, depois sentimos
pena, e então o abraçamos."

(Alexander Pope, **"Essay on Man"** Epístola II, linha 135).

Algumas vozes precisam gritar contra êles. A nossa não pode permanecer calada.

Para o grande Moisés, essas perversões eram abomináveis e uma contaminação, dignas da morte. Para Paulo, eram paixão anti-natural, indigna de um homem, ímpia e desonrosa, de natureza adúltera e que fecharia tôdas as portas do reino.

Quando os pais são promíscuos em seu comportamento sexual, e quando escritores, líderes religiosos e outros toleram tal transgressão, como poderemos salvar das trevas a perplexa, frustrada juventude, que anda à procura de um exemplo, um ponto de apoio e algo justo em que acreditar — um pôrto seguro?

"O grupo que tolera a anarquia sexual está pondo em perigo sua própria sobrevivência", diz o sociólogo Sorokin.

Uma conceituada voz proclama que há muitos edifícios com campanários nos quais a palavra **pecado** deixou de ser mencionada há muito tempo e não se pode lembrar de uma pregação contra ela.

Em contraste direto com essas vozes permissivas mencionadas acima, vem-nos a voz de autoridade da Igreja do Senhor:

"...O homem é uma unidade biológica" disse o Presidente J. Reubem Clark Júnior, "um animal, mas é mais do que isto: é o templo de um espírito imortal; êsse espírito pode ser contaminado pela carne e a contaminação advém quando se violam as leis da castidade.

"Nossa própria civilização é baseada na castidade, na inviolabilidade do casamento e na santidade do lar. Destruam isto e o homem cristão torna-se um bruto.

"...a relação familiar continua através da eternidade. É a mais sublime e a mais sagrada relação humana que conhecemos" (Conference Reports, Outubro de 1938, p. 137).

A voz da Primeira Presidência d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, em têrmos inconfundíveis, adverte:

"...o pecado sexual — as relações ilícitas entre homem e mulher — vem, em sua enormidade, logo depois do assassinato. O Senhor não traçou distinções essenciais entre fornicação, adultério e devassidão ou prostituição. Cada um dêsses erros caiu sôbre sua solene e augusta condenação... (Esses não podem)... escapar à punição e aos julgamentos que o Senhor tem decretado contra êste pecado. O dia do ajuste de contas virá, tão certo como o dia segue a noite."

Falando a seguir daqueles que toleram e justificam o mal, seja pela imprensa, microfone ou púlpito, continuam:

"Aquêles que desculpam êste crime e dizem que tal indulgência é apenas uma inocente satisfação de um desejo normal, como mitigar a fome e a sêde, falam obscenidade com seus

lábios. Seus conselhos conduzem à destruição; sua sabedoria vem do pai das mentiras." (Mensagem da Primeira Presidência da Igreja, Improvement Era, Novembro de 1942, página 686).

Então, vem a vibrante voz de Paulo novamente: "Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?

"Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo." (I Cor. 3:16-17).

E a voz da Divindade: "Eu sou Jesus Cristo...

"E de nôvo Eu te ordeno que não cobices a mulher do teu próximo; nem procures tirar a vida do teu próximo." (D&C 19:24-25).

O envolvimento sexual fora do casamento fecha para o indivíduo as portas dos templos e barra-lhe o caminho para a vida eterna.

Estendemos a todos os que nos ouvem um cordial convite para que venham ao jardim orvalhado, à sombra de belas árvores, à verdade imutável. Venham conosco à certeza, à segurança, à coerência. Aqui correm as águas refrescantes e a fonte não seca.

Venham escutar a voz de um profeta e ouvir a palavra de Deus.

O Senhor não muda. Êle é o mesmo ontem, hoje e para sempre. Sua Igreja permanece firme e imutável. O pecado não será tolerado, mas o arrependimento sincero será recompensado com o perdão.

O Senhor, que sofreu por nós, diz:"

"...ordeno que te arrependas — arrepende-te, para que Eu não te fira com a vara da Minha bôca, e com a Minha ira, e com a Minha cólera, e os teus sofrimentos sejam dolorosos — quão dolorosos tu não o sabes, nem quão pungentes, sim, e nem quão difíceis de suportar.

"Pois eis que Eu, Deus, sofri estas coisas por todos, para que arrependendo-se não precisassem sofrer;

"Mas, se não se arrependessem, deveriam sofrer assim como Eu sofri;

"Sofrimento que me fêz, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros..." (D&C 19:15-18).

Que as vozes dos servos do Senhor possam prevalecer, é o que rogo em nome de Jesus Cristo, Amém.

O auto-contrôle é um atributo do viver espiritual.



Melhor é o Longânimo

ElRay L. Christiansen
Assistente do Conselho dos Doze

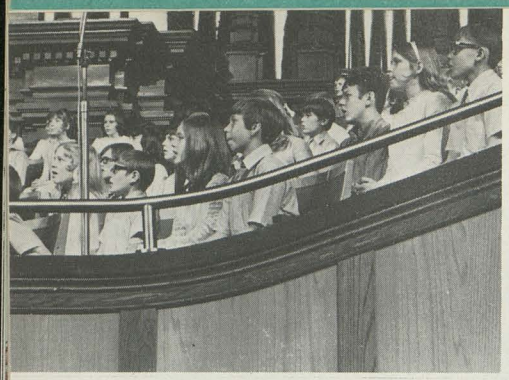
Meus irmãos, estou em completa harmonia com as palavras que Élder (Marion G.) Romney acabou de dizer-nos e com o que foi dito na reunião desta manhã por nosso profeta líder, e por aquêles que o sucederam na exposição da verdade do Evangelho eterno.

Desejo falar agora, se é que poderei, por poucos minutos, de um assunto que diz respeito a todos e a cada um de nós. É um assunto simples mas que merece nossa atenção.

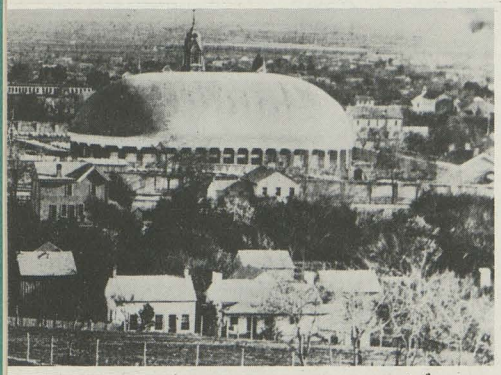
Quando Salomão declarou: "Melhor é o longânimo do que o valente e o que governa o seu espírito do que o que toma uma cidade." (Prov. 16:32), sabia que o desenvolvimento espiritual do indivíduo não pode realizar-se sem auto-disciplina.

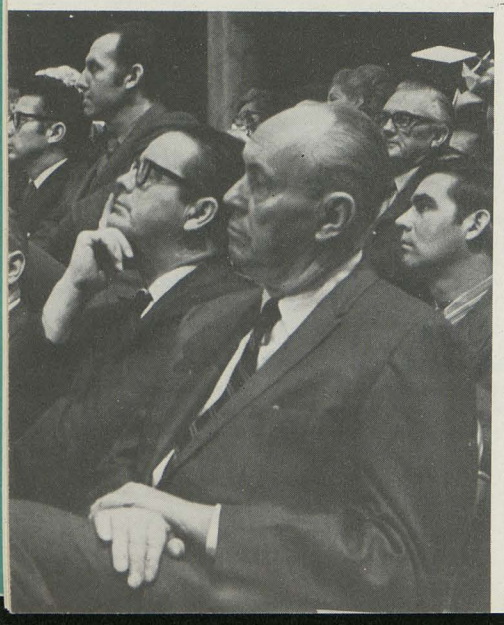
Alguém disse: "O tamanho de um homem pode ser medido pelo tamanho das coisas que o tornam encolerizado." Quão verdadeiro é isto! Ficar fora de si e enfurecido por coisas triviais dá evidência de infantilidade e falta de amadurecimento.

Estamos constantemente expostos a irritações, quando convivemos com os outros — e mesmo quando estamos sòzinhos. A maneira pela qual reagimos a essas irritações é o reflexo de nossa personalidade e do nosso temperamento. Parece razoável acreditar que, a fim de desenvolver uma personalidade saudável, agradável, e de tornar-se útil e uma influência para o bem, é preciso evitar que se seja fàcilmente levado à ira. Dêste modo, não apenas mostraremos mais maturidade, mas também seremos capazes de resolver situações perturbadoras com mais inteligência, porque raramente, ou nunca, se consegue qualquer coisa boa quando as pessoas estão com raiva. A ira não contribui para o bem. É destruidora não construtora.









A raiva desenfreada não só nos afeta física e mentalmente, de modo negativo, mas ao mesmo tempo, também destrói a sabedoria e o bom-senso. Quando ficamos transtornados, a razão é suprimida e a ira precipita-se. Tomar decisões quando enfurecido é tão imprudente e tolo como sair ao mar sob furiosa tempestade. Somente avarias e destroços resultam dos momentos coléricos.

Quando a ira governa, o bom senso foge. Na verdade, a pessoa serena leva acentuada vantagem sôbre a que está exasperada. Li em algum lugar esta declaração: "Quando alguém está certo, não precisa perder a calma; e quando está errado, não pode dar-se ao luxo de perdê-la."

A raiva descontrolada é vista com muita frequência na vida diária.

O Presidente Spencer W. Kimball, em seu excelente livro "The Miracle of Forgiveness", diz, com efeito, que a ira é um "pecado do pensamento" que, se não fôr controlado, pode ser o precursor de atos perversos e violentos.

A raiva contra **coisas** é deveras, sem sentido!

Porque uma chave inglesa escapa e machuca nossa mão, não é motivo para atirar a ferramenta longe. Ter que trocar um pneu em movimentada rua do centro da cidade não será remediado por uma torrente de palavras.

A raiva contra **coisas** é bastante má, mas quando é dirigida contra pessoas e acende-se com fúria incandescente e palavras cáusticas, temos os ingredientes da tragédia! Por exemplo, suponhamos que um chofer egoísta "fecha" um outro carro, e depois, suponhamos que o motorista ofendido não reduza a sua velocidade e avance ou faça qualquer outra coisa para vingar-se; então, temos uma tragédia em formação.

Mesmo em nossas famílias podem surgir situações irritantes. É então que os pais precisam ser calmos e exemplares. O homem que possui um temperamento incontrolável é como uma criança indisciplinada. — expressa suas emoções explosivamente ou emburra, menosprezando os sentimentos dos que o rodeiam. No lar, a ira deve ser controlada e o amor deve prevalecer. Quando, em seus anos mais impressionáveis, uma criança presencia situações desagradáveis que resultam de temperamentos descontrolados, quando ouve palavras ofensivas trocadas entre seu pai e sua mãe e quando vê a discórdia tomar conta de uma atmosfera de amabilidade e respeito mútuo — quando estas condições formam o ambiente de uma criança, que oportunidade tem ela de tornar-se refinada e nobre? A mente das crianças é como a sensível chapa de um fotógrafo: registra todos os incidentes, bons ou maus. Nossos filhos podem esquecer o que é falado, mas nunca esquecem aquilo que os fazemos sentir.

As palavras do Presidente Brigham Young ressoam para nós. A respeito disto, disse êle, apelando aos maridos e pais em nome de suas espôsas e filhos: "Cessai vossa ira e azedume... Não vos deixeis ficar tão zangados, que não possais orar..." (Discourses of Brigham Young, Deseret Book Co., 1941,pp. 268-69).

E creio ter lido em algum lugar estas palavras também dêle: "Se não vos sentis com vontade de orar juntos, ajoelhai-vos e orai até que sintais o desejo de fazê-lo. Creio que êste é um bom conselho." (Ver **Discourses,** p. 46).

Alguns anos atrás, o Presidente David O. McKay fêz êste apêlo aos pais e mães: "Nunca deixem um exemplo impróprio diante dêles (seus filhos)... Nunca os deixem ouvir uma palavra atravessada. Vocês devem controlar-se! É fraco o homem que se encoleriza... seja o que fôr que esteja fazendo..." (Improvement Era, Dezembro, 1964, p. 1082).

As frustrações geralmente nos oferecem meios de progresso, pois, sobrepujando-as de maneira harmoniosa, crescemos e nos tornamos mais como Cristo.

Como acontece com a maioria das emoções fortes, a ira manifesta-se tanto na retidão como na iniquidade... A ira justa é uma tributo da Deidade, cuja ira está eternamente acesa contra a iniqüidade.

Do mesmo modo, um homem inspirado pode ser induzido a falar ou agir em ira justa, como fêz Moisés, quando quebrou as tábuas sôbre as quais Os Dez Mandamentos foram escritos pelo Senhor.

Mas perder a calma, explodir, tornar-se desagradável, vingativo e odioso em face de frustrações é imperdoável!

Por que é imperdoável explodir com raiva e tornar-se vingativo? Simplesmente porque nos foi dado o poder para controlar e sobrepujar tais tendências. Se não forem refreadas, tais tendências logo perdem para nós o respeito e o amor dos outros.

Jesus estabeleceu o exemplo a respeito da ira em sua conduta pessoal, quando, embora tendo sido acusado falsamente e se tornado objeto de caçoadas e zombarias, permaneceu majestosa e completamente sereno diante do perplexo Pôncio Pilatos. Não revidou zangado. Antes, permaneceu ereto, equilibrado, imóvel. Sua conduta foi divina! Que exemplo para todos nós!

Ouçam estas maravilhosas palavras do Salvador, o mestre dos mestres;

"Ouviste que foi dito: Amarás o teu próximo, e aborrecerás o teu inimigo.

"Eu porém vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem." (Mat. 5:43-44).

Concordo que isto não é naturalmente fácil de fazer, mas, meus irmãos e irmãs, precisamos trabalhar conscienciosamente para consegui-lo, se quisermos alcançar nossos propósitos na vida.

Se o fizermos, seremos mais grandiosamente abençoados como indivíduos, e nossos lares refletirão o doce espírito de amor e harmonia e paz. Disto eu testifico, e rogo a ajuda do Senhor para levarmos isto a efeito, no nome do Senhor, Jesus Cristo. Amém.

Consideremos nossa obrigação para com o coxo, o aleijado, o solitário e o pecador.



Batalhões Perdidos

Thomas S. Monson
Do Conselho dos Doze

Em novembro próximo passado, postei-me sôbre uma velhíssima ponte que se estende sôbre o rio "Somme", no ponto em que êste abre seu caminho, constante mas sem pressa, através do coração da França. Sùbitamente, compreendi que 52 anos vieram e se foram desde a assinatura do Armistício de 1918 e o término da Grande Guerra. Tentei imaginar como teria sido a imagem do rio "Somme" 52 anos antes. Quantos milhares de soldados cruzaram esta mesma ponte? Alguns voltaram. Para outros, o "Somme" foi realmente um rio sem volta, pois os campos de batalha de Vimy Ridge, Armentieres, e Nueve Chapelle cobraram um hediondo tributo de vidas humanas. Acres de cruzes brancas, singelas, servem como lembrete inesquecível.

Achei-me dizendo baixinho: "Como é estranho que a guerra traga à tona a selvageria do combate e, no entanto, inspire atos de bravura e coragem, alguns provocados pelo amor."

Quando garôto, apreciei a leitura do relato do "Batalhão Perdido". O "Batalhão Perdido" era uma unidade da 77.ª Divisão de Infantaria na Primeira Guerra Mundial. Durante a ofensiva Meuse-Argonne, um major levou êsse batalhão através de uma brecha nas linhas inimigas, mas as tropas nos flancos estavam impossibilitadas de avançar. O batalhão inteiro foi cercado. Comida e água eram escassas; os feridos não podiam ser removidos. Da retaguarda, vinham repetidos ataques. As notas enviadas pelo inimigo pedindo que o batalhão se rendesse foram ignoradas. Os jornais alardeavam a tenacidade daqueles soldados. Homens de visão ponderavam sôbre seu destino. Após um breve, mas desesperado período de total isolamento, outras unidades da 77.ª Divisão avançaram e resgataram o "batalhão perdido". Os correspondentes salientaram em seus despachos, que as fôrças libertadoras pareciam empenhadas em uma cruzada de amor para recuperar seus camaradas de armas. Homens apresentaram-se como voluntários mais prontamente, lutaram mais galantemente e morreram mais corajosamente. Um adequado tributo ecoou daquele imarcescível sermão proferido no Monte das Oliveiras: "Ninguém tem maior amor do que êste: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos." (João 15:13).

Esquecida está a situação do "batalhão perdido". Já ninguém se lembra do terrível preço pago por seu resgate. Mas, retornemos do passado e examinemos o presente. Haverá ainda hoje" batalhões perdidos"? Se há, qual é a nossa responsabilidade de salvá-los? Seus membros podem não vestir uniformes de côr cáqui, nem marchar ao som de tambores. Mas participam da mesma dúvida, sentem o mesmo desespêro e conhecem a mesma desilusão que o isolamento produz.

Há os "batalhões perdidos" dos incapacitados, dos aleijados, dos que não falam e dos que não vêem. Já experimentaram a frustração de desejar e não saber como ajudar o indivíduo que caminha rigidamente atrás de seu companheiro canino, seu "Ôlho Vidente", ou que se move com passos medidos pelo toc, toc, toc de uma bengala branca? Há muitos que estão perdidos nesse ínvio deserto de trevas.

Se desejam ver uma operação de resgate de um "batalhão perdido", visitem o asilo para cegos de sua cidade e testemunhem o serviço altruísta daqueles que lêem para os que não podem fazê-lo. Observem as habilidades ensinadas aos inválidos. Sejam inspirados pelos esforços enviados no sentido de capacitá-los a conseguirem empregos significativos.



Aquêles que trabalham de tão boa vontade e dão de si tão generosamente aos que tràgicamente perderam a visão, encontram plena recompensa na luz que levam à vida dos que não enxergam.

Apreciamos a alegria de uma pessoa cega enquanto seus dedos ágeis passam rapidamente sôbre as páginas de uma edição em Braille do Novo Testamento? Ela faz uma pausa no capítulo 12 de João, e medita sôbre a profundidade do significado contido na promessa do Príncipe da Paz: "Eu sou a luz que vim ao mundo, para que todo aquêle que crê em mim não permaneça nas trevas." (João 12:46).

Pensem nos "batalhões perdidos" dos velhos, das viúvas, dos doentes. Com demasiada freqüência, êles são encontrados no crestado e desolado deserto de isolamento chamado solidão. Quando a mocidade vai embora, quando a saúde declina, quando o vigor diminui, quando a luz da esperança bruxuleia tão vagamente, os membros desse vasto batalhão perdido podem ser socorridos e amparados pela mão que ajuda e pelo coração que conhece a compaixão.

No bairro do Brooklin, em Nova Iorque, preside hoje um ramo da Igreja um môço que, aos treze anos, liderou um bem sucedido resgate de pessoas assim. na cidade do Lago Salgado. Êle e seus companheiros moravam em um bairro no qual viviam muitas viúvas idosas, de rendimentos limitados. Durante todo o ano, os meninos economizaram e planejaram para uma gloriosa festa de Natal. Estavam pensando em si mesmos, até que o espírito de Natal induziu-os a pensarem nos outros. Frank, como líder, sugeriu aos companheiros que os fundos acumulados com tanto cuidado fôssem usados não para a festa planejada, mas sim para o benefício de três velhinhas viúvas que moravam juntas.

Com o entusiasmo de uma nova aventura, os garotos compraram uma grande galinha assada, as batatas, os vegetais, as uvas e tudo que compõe à tradicional ceia de Natal americana. Para a casa das viúvas foram êles, carregando seus tesouros, através da neve e subindo o caminho até o pórtico desmantelado. Uma pancada na porta, o som de passos lentos, e então se encontraram.

Na voz desafinada, característica dos meninos de treze anos, cantaram "Noite Feliz". Então apresentaram suas dádivas. Os anjos não cantaram com mais beleza naquela gloriosa noite de há tantos anos, nem os magos presentearam com dádivas de maior significado.

Lancei um olhar às faces daquelas maravilhosas senhoras e pensei comigo mesmo: "Mães". E então olhei para o semblante daqueles nobres rapazes e refleti: "Filhos".

Qual foi a mensagem do Mestre? "... quando o fizestes a um dêstes meus pequeninos... a mim o fizestes." (Mat. 25:40).

Há outros batalhões perdidos compostos de pais e mães, de filhos e filhas, que, por uma palavra irrefletida, isolaram-se uns dos outros. Um relato de como tal tragédia foi evitada é esta ocorrência na vida de um rapaz que chamaremos Jack.

Durante a vida de Jack, êle e seu pai tiveram muitas discussões sérias. Um dia, quando Jack tinha dezessete anos, tiveram uma particularmente violenta, e o rapaz disse ao pai: "Isto foi a gôta d'água que faz derramar o copo. Vou deixar esta casa e nunca mais voltarei." Assim dizendo, foi para dentro e arrumou sua mala. A mãe implorou-lhe que ficasse, mas êle estava zangado demais para ouvir. Deixou-a chorando à porta da casa.

Desceu para o jardim e estava para ultrapassar o portão, quando ouviu seu pai chamar:

— Jack, sei que grande parte da culpa pela sua partida cabe a mim. Sinto muito! Quero que saiba que, se um dia desejar voltar para casa, será sempre bem-vindo. E eu tentarei ser um pai melhor para você. Quero que saiba que sempre o amarei.

Jack não disse nada, mas dirigiu-se para a estação de ônibus e comprou passagem para um lugar distante. Sentado no ônibus, vendo os quilômetros passarem, ficou a pensar nas palavras de seu pai. Começou a compreender quanto amor havia sido necessário, para que o pai tomasse aquela atitude. Êle havia pedido desculpas. Havia convidado o filho a voltar e deixara as palavras ressoando no ar de verão: "Eu o amo".



Foi então que Jack compreendeu que o próximo passo tinha que ser dêle. Sabia que a única maneira de ter paz consigo mesmo seria demonstrar ao pai a mesma naturalidade, bondade e amor que êste mostrara para com êle. Jack desceu do ônibus. Comprou uma passagem de volta e foi para casa.

Chegou pouco depois de meia-noite, entrou em casa e acendeu a luz. Ali, na cadeira de balanço, estava seu pai, com a cabeça entre as mãos. Ao erguer os olhos e ver Jack, levantou-se da cadeira e os dois lançaram-se um nos braços do outro. Jack costumava dizer: "Aquêles últimos anos que passei em casa, estão entre os mais felizes da minha vida".

Poderíamos dizer: ali estava um rapaz que se tornou homem da noite para o dia. Ali estava um pai que, superando a raiva e refreando o orgulho, salvou seu filho, antes que se tornasse membro daquele vasto batalhão perdido resultante de famílias desunidas e lares desfeitos. O amor foi a atadura, o bálsamo salutar. Amor — tão comumente sentido, tão raramente expresso.

Do monte Sinai, ribomba em nossos ouvidos: "Honra teu pai e tua mãe" (Êxodo 20:12). E mais tarde, do mesmo Deus, vem a injunção: "...habitareis em amor". (D&C 42:45).

Há outros "batalhões perdidos". Alguns se debatem nas selvas do pecado, outros erram pelos desertos da ignorância. Na realidade, cada um de nós pode ser contado no que bem poderia ter sido o batalhão perdido da humanidade, mesmo um batalhão condenado à morte eterna.

"...a morte veio por um homem... porque todos morrem em Adão." (I Cor. 15:21-22).

Cada um de nós participa da experiência chamada morte. Ninguém escapa. Tivéssemos que permanecer sem resgate, e perdido estaria o paraíso procurado. Perdida estaria a família querida. Perdidos estariam os amigos lembrados. Compreendendo esta verdade, começamos a apreciar a suprema alegria que acompanhou o nascimento do Salvador do mundo. Que glorioso pronunciamento do anjo: Eis que uma virgem "dará à luz um filho e chamarás o seu nome Jesus porque êle salvará o seu povo dos seus pecados." (Mat. 1:21).

Enquanto os rios da França testemunharam o avanço das tropas que salvaram o "batalhão perdido" na Primeira Guerra Mundial, assim também um outro rio presenciou o início do ministério formal do salvador do universo, de um divino redentor. A Escritura



registra: "E ouviu-se uma voz dos céus, que dizia: Tu és o meu Filho amado em quem me comprazo." (Mar. 1:11).

Hoje, só restam ruínas de Cafarnaum, a cidade à margem do lago, centro do ministério do Salvador na Galiléia. Ali êle pregou na sinagoga, ensinou junto ao mar e curou. Em significativa ocasião, Jesus tomou um texto de Isaías (ver Lucas 4:18): "O espírito do Senhor Jeová está sôbre mim; porque o Senhor me ungiu, para pregar boas novas aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos;" (Isaías 61:1), um claro enunciado de um plano divino para resgatar o "batalhão perdido" ao qual pertencemos.

Mas a pregação de Jesus na Galiléia foi apenas um prelúdio. O Filho do Homem sempre tivera um temível compromisso para cumprir em um monte chamado Gólgota.

Detido no Jardim de Getsêmane, depois da Última Ceia, desertado pelos seus discípulos, cuspido, experimentado e humilhado, Jesus cambaleou sob o peso de sua grande cruz em direção ao Calvário. Êle progrediu do triunfo — à traição — à tortura — à morte na cruz. Por nós, o Pai Celestial deu o seu filho. Por nós, nosso irmão mais velho deu sua vida.

No último momento, o Mestre poderia ter voltado atrás. Mas não o fez. Passou sob tôdas as coisas, para que pudesse salvar tôdas as coisas: a raça humana, a terra e tôda a vida que a habitou.

Nenhuma palavra na Cristandade tem maior significado para mim do que aquelas proferidas pelo anjo à lacrimejante Maria Madalena e à outra Maria, quando se aproximaram da tumba para cuidar do corpo do Senhor: "Porque buscai o vivente entre os mortos? Não está aqui, mas ressuscitou." (Luc. 24:5-6).

Com êste pronunciamento, o "batalhão perdido" da humanidade — aqueles que já viveram e morreram, os que vivem agora e os que ainda estão para nascer e depois morrer — êste batalhão da humanidade perdida estava resgatado.

Dele, que libertou a cada um de nós da morte eterna, eu testifico que é um mestre da verdade — mas é mais que um mestre. É o exemplo da vida perfeita — mas é mais que um exemplo. É o grande médico — Porém é mais do que um médico. Êle, que salvou o batalhão perdido da humanidade, é o salvador literal do mundo, o Filho de Deus, o Príncipe da Paz, o Santíssimo de Israel, O Senhor Ressuscitado que declarou: "Sou o primeiro e o último; sou o que vive; sou o que foi morto; sou o vosso advogado junto ao Pai." (D&C 110:4).

Com sua testemunha, testifico-lhes que êle vive. Em nome de Jesus Cristo, amém.



"Se o Senhor não Edificar a Casa"

Quatro pedras angulares para um bem sucedido, enterno casamento.

Gordon B. Hinckley
Do Conselho dos Doze

Meus queridos irmãos, peço, humildemente, a direção do Espírito Santo.

É Primavera, esta gloriosa estação do ano em que a natureza revive. É a estação da promessa, um período de beleza. É tempo de amar.

Notei esta manhã um simpático jovem e uma linda moça andando de mãos dadas em direção a este edifício, ela usando um anel de noivado, e presumi que logo se casarão, como milhares de outros jovens através do país, nesta época do ano.

E recordei um casal parecido com êsse, o qual, pediu que eu celebrasse a sua cerimônia de casamento, alguns anos atrás. Chamá-los-ei Tim e Sue. Eram dois jovens que muito prometiam. Vinham de lares bem formados. Tinham boa instrução. Sentiam profunda afeição mútua. A cerimônia foi daquelas inesquecíveis, com bênçãos eternas pronunciadas sob a autoridade do Sacerdócio de Deus.

Os anos passaram, e três filhos vieram àquele lar.

A julgar pelas aparências, eram uma família feliz, mas, há pouco, Tim e Sue vieram ver-me de novo, desta vez separadamente. Não havia sorrisos, somente lágrimas. Vieram falar de divórcio. As palavras de amor, antes pronunciadas com profunda convicção, tinham-se agora transformado em palavras de acusação. Era inacreditável. Foi como a malévola tempestade hibernal que sùbitamente sucede o calor do primeiro dia ameno de primavera.

— E as crianças? perguntei?

Sue replicou que achava a separação preferível a expor os filhos às suas constantes discussões. As crianças, disse ela, estavam suficientemente crescidas para sentir a sordidez daquelas brigas. Eram sensíveis o bastante para sofrer golpes profundos, que deixariam feias cicatrizes.

Que acontecera com Tim e Sue? Que está acontecendo com as dezenas de milhares como êles? Por que neste país (os Estados Unidos) aproximadamente um em cada três ou quatro casamentos termina em divórcio?

Nos Estados Unidos, divorciam-se por ano cêrca de quatrocentos mil casais. que são pais de mais de meio milhão de crianças. Mais de seis milhões dos adultos desta nação estão agora divorciados ou separados.

Mesmo nos países onde o divórcio é difícil, senão impossível de conseguir, o mesmo mal se evidencia — os mesmos deploráveis, corrosivos malefícios da tragédia doméstica da separação, do abandono e das relações imorais e ilegais.

Aqui está uma das trágicas razões para a crescente deliqüência juvenil: literalmente milhões de crianças são provenientes de lares onde não há amor e, conseqüentemente, há muito pouca segurança para elas. Aqui está a causa fundamental do nosso elevado ônus de bem-estar social, que está devorando bilhões do nosso Tesouro. Aqui está a negação do tipo de família ordenada por Deus desde o princípio. Aqui estão o desgosto e o fracasso.

Não desejo permanecer por mais tempo no problema. É tudo óbvio demais. Antes, quero dizer algumas palavras sôbre a prevenção desta tragédia.

Àqueles dentre vós que, com corações alegres, sonham com o casamento e a construção de um lar, quero repetir o que foi dito na antigüidade: "Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que edificam..." (Sal. 127:1).

Posso sugerir rapidamente quatro pedras angulares sôbre as quais construir a casa? Há outras, mas preferi ressaltar estas. Elas vêm do Evangelho de Jesus Cristo. Não são difíceis de atender nem de seguir. Estão bem ao vosso alcance, com um pouco de esforço; e não hesito em prometer-vos que, se estabelecerdes o lar dos vossos sonhos sôbre essas pedras angulares, os riscos de vossa vida matrimonial serão diminuídos, vosso amor mútuo fortalecer-se-á através dos anos, abençoareis a vida de vossos filhos e dos filhos de vossos filhos, e conhecereis a felicidade nesta vida e alegria eterna.

À primeira delas, chamarei "respeito mútuo", o tipo de respeito que considera o companheiro com o amigo mais precioso na terra e não como uma propriedade ou um escravo forçado ou compelido a seguir caprichos egoístas.

Pearl Buck observou: "O amor não pode ser forçado... procede do céu, espontâneo e involuntário." ("The Treasure Chest" pg. 165).

Este respeito vem do reconhecimento de que cada um de nós é filho ou filha de Deus, dotado com algo de sua natureza divina; que cada um é um indivíduo com direito à expressão e cultivo dos talentos pessoais, e merecedor de indulgência, de compreensão, de cortesia, de consideração. O verdadeiro amor não é tanto uma questão de romantismo como questão de ansiosa preocupação pelo bem-estar do companheiro.

O companheirismo no matrimônio está sujeito a tornar-se lugar — comum e mesmo coisa estúpida. Não conheço meio mais certo de mantê-lo em um plano elevado e inspirador do que o homem refletir ocasionalmente sôbre o fato de que a coadjutora que está a seu lado é filha de Deus, comprometida com o homem no grande processo criativo de alcançar seus objetivos eternos.

Não conheço meio mais eficiente de a mulher manter sempre radiante o amor pelo marido, do que procurar e realçar as qualidades divinas que são parte integrante de todo filho de nosso Pai e que podem ser evocadas quando há respeito, admiração e incentivo. O próprio processo de tais ações cultivará uma constante e compensadora apreciação mútua.

A segunda coisa que menciono é muito simples, mas reputo-a como básica. À falta de frase melhor, chamo-a "resposta branda". Foi dito aos antigos que "a resposta branda desvia o furor". (Prov. 15:1).

Raramente arranjamos encrencas, quando, falamos brandamente. É sòmente quando elevamos a voz que as faíscas voam e minúsculos montículos tornam-se grandes montanhas de discórdia. Para mim, sempre tem havido algo de muito significativo na descrição da disputa do profeta Elias com os sacerdotes de Baal. A Escritura registra que "...um grande e forte vento que fendia os montes e quebrava as penhas... porém o Senhor não estava no vento: e depois do vento um terremoto: também o Senhor não estava no terremoto:

"E depois do terremoto um fogo; porém também o Senhor não estava no fogo: e depois do fogo uma voz mansa e delicada." (I Reis 19:11-12).

A voz do céu é suave e delicada; do mesmo modo a voz da paz doméstica é calma.

Há necessidade de grande quantidade de disciplina no casamento; não de disciplinar o companheiro, mas a si próprio.

Conheço poucos conselhos mais significativos dirigidos aos pais e aos que vão ser pais, do que êste dado pelo Presidente David O. McKay. Disse êle: "Um pai não pode fazer coisa maior por seus filhos do que deixá-los sentir que ama a mãe dêles."

Haveria muito maior paz dentro dos lares, muito maior segurança na vida dos filhos, muito menos divórcio, separação e desgraça, muito mais satisfação, elegria e amor, se maridos e esposas cultivassem a disciplina de falar brandamente um com o outro, e se ambos assim falassem aos filhos.

Paulo declarou: "...vós, pais,, não provoqueis a ira a vossos filhos..." (Efésios 6:4).

Repito: a voz da paz doméstica é mansa.

Passo agora à terceira pedra angular sôbre a qual se estabelece um lar feliz e estável. Denomino-a "honestidade para com Deus, e de um para com o outro."

Um sensato homem com longa experiência como advogado, como conselheiro, como líder religioso, disse-me certa vez estar convencido de que o dinheiro é talvez o principal fator nas tensões maritais e nas trágicas conseqüências que delas advêm.

Meu jovem amigo de quem falei há pouco, acusava a espôsa de ser extravagante, de esbanjar seus recursos. Com amargura, ela contou-me que êle era um sovina, um mau provedor. Suas alterações sôbre centavos levaram à erosão do seu amor.

Estou convencido de que não há melhor disciplina, nem mais frutífera em bênçãos do que a daqueles que estabelecem lares e famílias para seguirem o mandamento dado à antiga Israel, através do profeta Malaquias: "Trazei todos os dízimos à casa do tesouro... e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sôbre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abastança." (Mal. 3:10).

O casamento geralmente traz consigo muitas obrigações. A vós, meus jovens amigos, gostaria de sugerir que tomeis como vossa primeira obrigação o viver honestamente com Deus no pagamento dos dízimos e ofertas. Precisareis de suas bênçãos; oh! quanto precisareis delas! dou-vos meu solene testemunho de que êle cumpre o que prometeu. Entre as bênçãos prometidas, estão paz no lar e amor no coração.

Ao disciplinar-vos no uso dos vossos recursos financeiros, começando pelas vossas obrigações para com o Pai Celestial, o corrosivo egoísmo, que conduz a tantas tensões nos assuntos domésticos sairá de vossa vida, pois, se partilhardes com o Senhor a quem não vedes, tratareis com mais benevolência, mais honestidade e mais generosidade aqueles a quem podeis ver. Ao viver honestamente com Deus, sereis inclinados a viver honestamente um com o outro.

Agora, concluindo, como quarta pedra angular, sugeriria a "oração familiar".

Não conheço nenhuma prática de efeito mais salutar sôbre vossa vida do que a de ajoelhar em conjunto, ao iniciar e ao terminar cada dia. De algum modo, as pequenas tormentas que parecem atingir todos os casamentos, são dissipadas, quando, ajoelhados diante do Senhor, agradeceis uns pelos outros, na presença uns dos outros, e então, juntos evocam as bênçãos de Deus sôbre vossa vida, vosso lar, vossos entes queridos e vossos sonhos.

O Senhor então será vosso sócio, e vossas conversações diárias com êle trarão paz ao vosso coração e alegria à vossa vida, que não podem brotar de outra fonte. Vosso companheirismo tornar-se-á mais doce ao passar dos anos; vosso amor fortalecer-se-á. Vossa apreciação mútua crescerá.

Vossos filhos conhecerão a segurança de um lar onde habita o Espírito do Senhor. Vós os reunireis nesse lar, como aconselha a Igreja, e ensiná-los-ei em amor. Êles conhecerão pais que se respeitam mútuamente, e um espírito de respeito crescerá em seus corações. Experimentarão a segurança da palavra gentil pronunciada com brandura, e as tempestades de sua própria vida serão serenadas. Conhecerão pais que, vivendo honestamente com Deus, vivem honestamente também entre si e com o próximo. Crescerão com um senso de reconhecimento, tendo ouvido os pais expressarem em oração, a gratidão pelas bênçãos grandes e pequenas. Amadurecerão com fé no Deus vivo.

O "anjo destruidor" da discórdia doméstica vos passará, e conhecereis durante tôda a vossa vida, a paz e o amor que poderão ser prolongados por tôda a eternidade.

Não poderia desejar para vós maior bênção, e por isto oro humildemente em vosso favor, no nome de Jesus Cristo. Amém.

Missão Brasil Central

ALAS/ESTACAS RAMOS/DISTRITOS	ENDEREÇO	BISPOS/ PRESIDENTES	N.º de Membros	N.º de Famílias	N.º de Assinantes d'A Liahona	N.º de Missionários	CONVERSÕES Maio	CONVERSÕES Total
Ala III — S. Amaro	R. São Benedito, 504	Juan C. Vidal	539	129	44	4	3	23
Ala IV — Pinheiros	R. Brig. Faria Lima, 1980	Benjamin O. Almeida	714	283	45	4	2	13
Ala V — Pinheiros	R. Brig. Faria Lima, 1980	Humberto Silveira	901	381	83	4	6	29
Ala VI — Perdizes	R. Caiubi, 345	Júlio Klappoth	538	280	63	4	3	22
Ala VII — Casa Verde	R. Antenor Guerlândia, 34	Giorgios H. Orfanos	418	186	16	2	3	10
Ala VIII — Santana	R. Padre Donizetti T. Lima, 28	Mitsuru Kikuchi	1047	416	28	6	6	20
Sorocaba I	R. Gen. Osório, 515	Nelson de Genaro	464	170	34	4	8	51
Sorocaba II	R. Gen. Osório, 515	Raimundo José Libânio	337	139	21	4	4	32
Jaçanã	R. Francisco Rodrigues, 67	Benedito Pires Dias	163	69	11	2	7	17
Lapa	R. Guararapes, 470	Oswaldo S. Camargo	331	131	16	2	3	13
Osasco	R. Caldus Taio, 265	Walter B. Jasche	270	97	33	2	—	12
Pedreira	R. Prof. Guilherme B. Sabino, 151	Alberto Barbagallo	285	115	38	4	14	45
Tucuruvi	R. Padre Donizetti T. Lima, 28	Adolfo Chichizzolla	—	—	16	2	3	10
Vila Sônia		Geza Horvath	—	—	1	—	1	1
ESTACA SÃO PAULO	**R. Brig. Faria Lima, 1980**	**WALTER SPÄT**	**6007**	**2396**	**449**	**44**	**63**	**298**
Ala I — Vila Mariana	R. Maurício Klabin, 92	Rodamés Sceppa	508	265	55	6	4	19
Ala II — Saúde	R. Ibituruna, 82	Antonio Andreolli	676	321	66	4	6	20
Ala IX — V. Maria	Pr. St.º Eduardo, 129 1.º and.	Frederico M. Puertas	229	117	14	2	5	18
Ala X — Penha	R. Fodovalho Júnior, 666	Hugo Hohene	1019	430	19	4	11	57
Ala XI — Moóca	R. da Moóca, 4835	Wagner dos Santos	759	345	45	6	13	34
Cambucí	R. Lavapés, 1051	José G. Galhardo	151	65	25	2	7	12
Guarulhos	R. Santa Izabel, 23	Luiz Cunha	138	50	14	2	3	26
Ipiranga	R. Maurício Klabin, 92	Demar Staniscia	232	88	26	4	1	10
Jabaquara	R. Ibituruna, 82	Ilo M. de Souza	280	119	20	4	3	28
Vila Prudente	R. Ibitirama, 700	Elio M. Moraes	353	179	26	4	6	28
ESTACA S. PAULO LESTE	**R. Ibituruna, 82**	**HÉLIO DA R. CAMARGO**	**4345**	**1979**	**310**	**38**	**59**	**252**
Ala de Santo André	R. Catequese, 432	João H. Fin	896	171	32	6	—	15
Ala de Santos	Av. Valdemar Leão, 305	José G. Lopes	875	—	26	6	23	50
Ala de São Vicente	R. Dom Lara, 504	Adriano Silva	407	170	46	4	8	36
Gonzaga	R. Paraíba, 94	Daniel da Glória	312	113	56	4	3	14
Guarujá	Av. Ademar de Barros, 198	Eurico P. Schimidt	—	16	1	2	15	22
Mauá	R. Álvares Machado, 19	Ademar Leal	142	44	6	2	8	12
Ponta da Praia	R. Álvaro Alvim, 9	Nivio V. Alcover	210	117	80	2	7	12
Praia Grande	Av. Brasil, 299	Ivo dos Santos	—	8	—	2	4	9
Santo André II	R. Sargento Cid, 248	João Barea	185	90	5	2	7	15
Santo André III	R. Baturité, 39	Ferrer da Costa Filho	—	—	11	2	6	10
São Bernardo	R. Cândido Portinari, 68	Camilo Antunes	138	65	13	2	1	7
São Caetano	R. Peri, 254	Orlando Pagano Jr.	324	—	16	2	3	11
ESTACA SÃO PAULO SUL	**R. Catequese, 432**	**SAUL M. DE OLIVEIRA**	**3489**	**794**	**293**	**36**	**85**	**213**
Araçatuba	R. Luiz Pereira Barreto, 245	Horácio Saito	319	117	17	4	3	21
Araraquara	R. Voluntários da Pátria, 1209	Geraldo de Mendonça	521	330	17	4	3	10
Baurú	R. Gustavo Maciel, 1641	Jan Tao	251	129	3	2	3	8
Marília	R. Lima e Costa, 318	Marcos Rubio	199	109	5	2	4	6
Ribeirão Prêto	R. São Sebastião, 1003	Orivaldo dos Santos	435	197	36	4	7	22
São José do Rio Prêto	R. Mal. Deodoro, 2846	Oscar de Oliveira	324	110	15	4	9	22
DISTR. DE ARARAQUARA	**R. Voluntários da Pátria, 1209**	**JALAL SAMAHA**	**2049**	**992**	**93**	**20**	**29**	**89**
Campinas I	R. Duque de Caxias, 645	Francisco Máximo F.º	790	123	30	2	4	9
Campinas II	R. Frei Manoel Ressurreição, 696	Henrique Moura	539	226	20	2	6	15
Campinas III	R. Duque de Caxias, 645	Luiz S. Pinto	576	175	9	2	2	9
Campinas IV	R. Duque de Caxias, 645	Evaldo Martins	566	—	16	2	1	15
Jundiaí	R. Bartolomeu Lourenço, 202	Francisco Ribeiro	367	143	19	2	5	7
Piracicaba	R. Morais Barros, 369	Nelson Gonçalves	229	68	17	2	1	3
Rio Claro	R. Seis, 1438	Ernestino Pereira	328	111	18	2	1	5
São José dos Campos	Av. Mal. Floriano Peixoto, 208	Expedito J. Saraiva	75	31	9	2	2	5
DISTRITO DE CAMPINAS	**R. Frei Manoel Ressurreição, 696**	**EDUARDO C. NALLI**	**3470**	**877**	**138**	**16**	**22**	**68**
Curitiba I	Av. Iguassu, 1460	Jorgi Aoto	797	264	10	4	11	34
Curitiba II	R. Gottlieb Muller, 96	Hipólito T. Rebicki	431	176	11	2	2	23
Curitiba III	R. Mateus Leme,	Francisco Gomes	676	322	22	4	1	18
Curitiba IV	Av. Iguassu, 1460	Flodualdo A. Toniolo	430	201	17	4	9	12
Curitiba V	R. Bartolomeu L. Gusmão, 3139	Antonio de Mello	237	56	20	4	2	28
Curitiba VI	R. Bonifácio Vilella, 460	Rosaldo Gaertner	341	205	15	2	10	10
Curitiba VII	R. Bonifácio Vilella, 460	Bruno Smatz	336	121	8	2	7	15
Curitiba VIII	R. Manoel Ribas, 100	Silvino M. Loeblein	421	194	14	2	—	6
Curitiba IX	R. Bartolomeu L. Gusmão, 3139	Lino Alves	303	336	—	—	—	—
DISTRITO DE CURITIBA	**R. Gottlieb Muller, 96**	**LEVÍ GAERTNER**	**3972**	**1875**	**107**	**24**	**42**	**146**
Apucarana	R. Clotário Portugal, 1126	José G. Testa	88	26	13	2	4	4
Londrina	R. Belo Horizonte, 1236	Claudio P. Gameiro	572	270	16	2	7	12
Maringá	R. 15 de Novembro, 1040	Altamiro Barcello	103	42	16	2	—	13
Presidente Prudente	R. Pedro de Oliveira Costa, 234	Scott Wall	82	48	10	4	—	5
DISTRITO DE LONDRINA	**R. Belo Horizonte, 1236**	**GUNTHER SALIK**	**845**	**386**	**55**	**10**	**11**	**34**
MISSÃO BRASIL CENTRAL	**R. Henrique Monteiro, 215**	**SHERMAN H. HIBBERT**	**24177**	**9299**	**1445**	**188**	**311**	**1100**



A Capela de Ponta Grossa Embeleza a Cidade

A cidade de Ponta Grossa, Estado do Paraná, tem sido enriquecida desde 1963, com a presença de um dos mais modernos edifícios construídos pela Igreja. Abrigando dois ramos em suas instalações, é uma das mais belas capelas do Brasil, estando incluída nos guias turísticos do país, como um belo e digno local de visitas, o que tem atraído diàriamente os inúmeros turistas que visitam a cidade, muitos dos quais demonstram vivo interêsse pela doutrina da Igreja.

Jovem SUD Conquista Medalha de Ouro em Cali

Harry Edmundo Klein, membro do Ramo da Tijuca — MBN e remador do Clube de Regatas Flamengo, no Rio de Janeiro, venceu a prova de "double scull" nos Jogos Pan-Americanos, realizados em Cali, Colômbia, fazendo jus a uma medalha de ouro para o Brasil. A regata foi realizada no Lago Calima, perto da cidade, e o companheiro de Harry foi o remador Edgard Gibson.

Harry, um Santo dos Últimos Dias desde a idade de 8 anos, pertence a uma família Mórmon, sendo que de seus 6 irmãos (4 irmãos e 2 irmãs), um fêz missão de construção para a Igreja no Estado do Rio Grande do Sul. Seus pais (o único da família que não é membro da Igreja é o pai) residem em Pôrto Alegre, juntamente com os 4 filhos mais jovens. A mãe de Harry, D. Olga Klein, recentemente destacou-se em Pôrto Alegre, tendo sido eleita uma das mães do ano da cidade.

Embora não freqüente assìduamente seu próprio ramo, devido às constantes viagens e atividades profissionais, Harry procura assistir às reuniões da Igreja no lugar em que se encontra, e admite que um dos motivos de seu sucesso como remador é o cumprimento da Palavra de Sabedoria.

O irmão Klein é considerado um dos 10 remadores mais perfeitos do mundo, tendo sido muito elogiado pelos campeões Olímpicos e mundiais de remo da Alemanha e Rússia. Desde que decidiu praticar o esporte do remo em 1968, pelo Grêmio Náutico União, em Pôrto Alegre, tem-se destacado por sua fôrça, coordenação e agilidade. Em apenas seis meses, já conquistava o primeiro título internacional na Argentina, representando o Brasil na prova de "oito remos longos com timoneiro".

A dupla conseguiu honroso 7.º lugar durante as Olimpíadas no México em 1968, muito embora tivesse tido oportunidade de treinar para a prova sòmente uma semana. Na ocasião, Harry disse que "foi uma grande oportunidade desperdiçada", entretanto "não perderá outra chance em Munich, Alemanha, nas próximas Olimpíadas, em 1972".

Harry e Edgard Gibson acenam após a vitória



UPI

Disputa entre Campeões

A **Ala VI — Perdizes — ESP e o Ramo da Ponta da Praia — ESPS,** defrontam-se em duelo pela supremacia. Qual dêles vencerá? Será que um dos dois vai ser o primeiro colocado no Brasil?

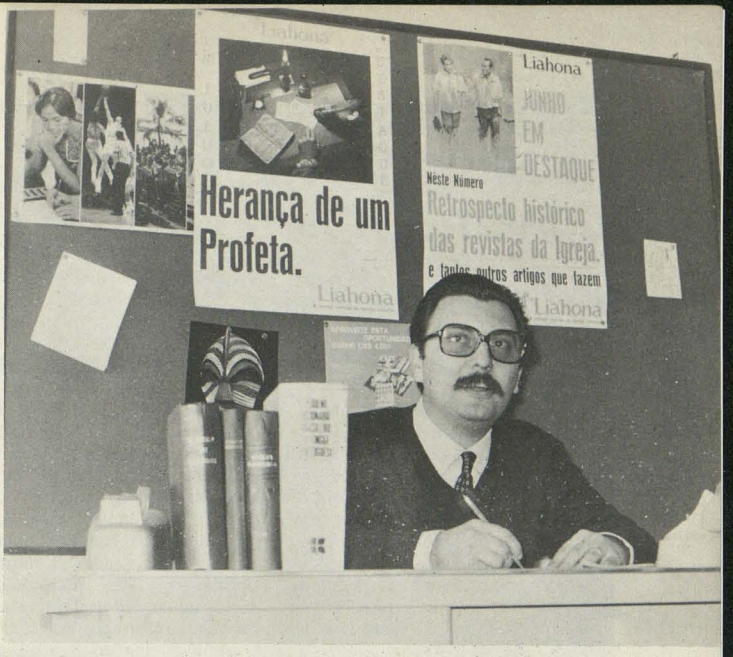
O Pres. Nívio Varella Alcover, da Ponta da Praia, afirmou-nos que não vai deixar por menos, enquanto não ultrapassar a casa das **duzentas** assinaturas d'A Liahona. Por outro lado, o Bispo Júlio Klappoth, de Perdizes, depois de uma surpreendente arrancada, está disposto a superar todos os recordes até então atingidos. Cuidado... **Tijuca** e **Recife,** vocês estão sèriamente ameaçados.

E novamente perguntamos: Quem mais entrará na arena, para aceitar o desafio dêsses grandes?

Atenção, Ala V — Pinheiros — Bispo Humberto Silveira! Não nos esquecemos de vocês; dêem aquela arrancada, faltam poucas assinaturas para atingirem a meta!

Sua Ala ou Ramo poderá vir a ser o próximo contemplado, portanto, contribua para isso, renovando ainda hoje a sua assinatura. Ah! lembre-se de seus amigos! Que tal oferecer-lhes uma assinatura d'A Liahona? Afinal, são doze visitas contínuas e eficazes que a Igreja lhes fará. Lembre-se: **"todo membro é um missionário".** Você tem uma idéia mais prática de como tornar-se um dêles?

E no final da conversa de hoje, mandamos o nosso alô para o sul. Que é feito dos gaúchos, tradicionais "peleadores" dêste Brasil? Será que vão deixar a luta passar sem entrar na "cancha"?



O Pres. Nívio, não vai parar até atingir as 200 assinaturas



O Bispo Klappoth, está disposto a superar todos os recordes

Na corrida dos campeões, figuram os seguintes colocados:

Tijuca - Pres. Wilson S. Pureza	**152**
Recife - Pres. Evaldo F. de Oliveira	**137**
Ala V - Pinheiros - Bispo Humberto Silveira	83
Ponta da Praia - Pres. Nívio V. Alcover	78
Ala II - B. Saúde - Bispo Antonio Andreolli	66
Ala VI - Perdizes - Bispo Júlio Klappoth	66
Gonzaga - Pres. Daniel da Glória	56
Ala I - V. Mariana - Bispo Rodamés Sceppa	55
São Vicente - Bispo Adriano Silva	46
Niterói - Pres. Emmanuel M. de Brito	46

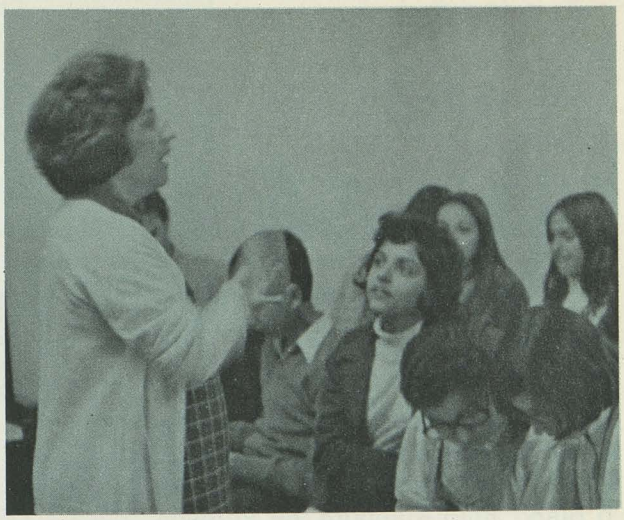
E tem mais: já no mês de **setembro,** ofertamos às unidades que conseguiram **10 assinaturas novas** ou **renovações** no **mês,** uma de presente. Estamos, dessa forma, premiando o esfôrço realizado pelas unidades menores, mas... batalhadoras.

Assim é que, neste mês, foram presenteadas as seguintes unidades:

Ala/Ramo	Conseguidas no Mês	Ofertadas à Unidade
1.º Ala VI - Perdizes - Bispo Júlio Klappoth	37	3
2.º Ponta da Praia - Pres. Nívio V. Alcover	26	2
3.º Campinas I - Pres. Elésio Ribeiro	20	2
4.º Maringá - Pres. Altamiro Barcello	13	1
5.º Ala IV - Pinheiros - Bispo Domingos Gutto	11	1
5.º Araçatuba - Pres. Horácio Saito	11	1

Enquanto as Motocicletas Zunem...

Nívio Varela Alcover



O domingo era como todos os outros em Santos. Eram quase 2 e meia da tarde. Embora estivéssemos no meio do outono, o dia era bem quente, e o sol convidava o pessoal a ir a praia, que estava cheia. Era a hora em que alguns, depois do banho de mar, encaminhavam-se para seus lares e outros voltavam para aproveitar a areia escaldante, o banho de sol ou uma pelada.

Mas, ali ia um grupo diverso. Não estavam de roupas de banho. As môças vestiam-se normalmente e os rapazes, em sua maioria, estavam de paletó e gravata. Cena inusitada em Santos. E lá iam êles, encaminhando-se para a R. Paraíba, onde um prédio já ntigo é usado como capela do Ramo do Gonzaga — ESPS. Um prédio que tem história. É o pioneiro no esfôrço educacional da Igreja, pois, em 1968, foi ali fundada a primeira Escola Mórmon. Em 1971, nessas mesmas paredes, realizava-se a primeira aula do Seminário no Brasil, e talvez na América do Sul. O modesto sobrado da R. Paraíba, é o precursor de todos os momentos educacionais da Igreja no Brasil.

Os jovens chegaram, meio curiosos: o que era afinal o Seminário? Tinham ouvido dizer que seriam aulas do Evangelho, mas dadas de modo a abordá-lo de uma forma diferente. Mas como assim? A hora da aula chegou e na sala, receberam os manuais doSeminário no lar e as explicações da Irmã Walkíria. Fizeram a busca das Escrituras, cantaram e oraram. Ao terminar, antecipavam a próxima aula. Realmente, o modo de encarar os ensinamentos era nôvo. Mostrava-se muito fácil aprender e assinalar as lições e elaborar os exercícios, a localização das passagens bíblicas, seu uso e significado. E a busca das Escrituras? Em apenas uma aula, aprendemos a encontrá-las como nunca havíamos conseguido antes. Era realmente notável. O largo sorriso da Irmã Walkíria como que prognosticava o seu sucesso.

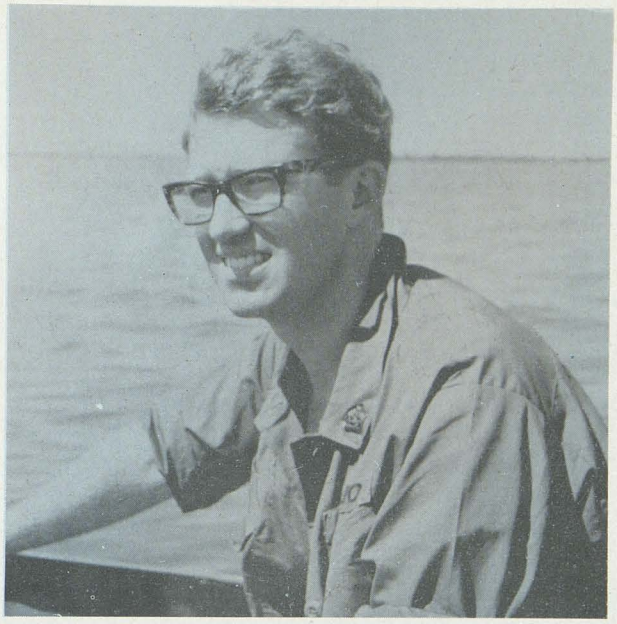
Desde aquêle dia, temos visto o aumento gradativo do número de alunos dêsse curso que nos ajuda a vislumbrar uma juventude forte no Evangelho e conhecedora dos ensinamentos e Doutrina da Igreja. E enquanto motocicletas zunem nas evenidas, os pneus dos carros chiam nas curvas, e jovens passeiam sua despreocupação pelas calçadas, vemos um punhado de rapazes e môças, com seus pensamentos voltados para um passado tão distante que se perde no tempo, o mesmo tempo que é perdido lá fora.

Missão Brasil Norte

RAMOS/DISTRITOS	ENDERÊÇO	PRESIDENTE	N.º de Membros	N.º de Famílias	N.º de Assinantes d'A Liahona	N.º de Missionários	CONVERSÕES Março	CONVERSÕES Total
Belo Horizonte	R. Levindo Lopes, 214	Cláudio I. Bueno	466	156	27	8	4	5
Floresta	R. Levindo Lopes, 214	Daniel Laguardia	308	115	7	8	—	12
Juiz de Fora	R. Espírito Santo, 743	Scott Knecht	288	86	13	6	—	2
Distrito de Belo Horizonte	**R. Levindo Lopes, 214**	**Angelo B. Perillo**	**1062**	**357**	**47**	**22**	**4**	**19**
Anápolis	R. 7 de Setembro, 281	Everton P. Monteiro	23	—	20	4	—	—
Brasília	Av. W5, mod. 59, n.º 913	Luiz M. Barros	304	113	41	6	—	7
Goiânia	R. 55, n.º 33, CP 714	Paul Gustavson	226	81	26	10	1	6
Taguatinga	QNB 5, Lote 40	Pedro B. Pradera	96	40	—	4	5	5
Distrito de Brasília	**Av. W5, mod. 59, n.º 913**	**Wayde C. Stoker**	**649**	**234**	**87**	**24**	**6**	**18**
Cascadura	R. Silva Telles, 99	Lery T. Carvalho	675	211	44	12	9	28
Jardim Botânico	R. Zara, 17	Val H. Carter	375	145	4	12	6	18
Meier	R. Silva Telles, 99	Antonio A. Costa	286	117	33	8	3	11
Niterói	R. Miguel Couto, 418	Emmanuel M. Brito	396	177	46	8	—	5
Nova Friburgo	Av. Galdino do Vale, 43	Alan Hatch	50	16	2	4	3	3
Petrópolis	R. Tereza, 52	Harry Klein	185	58	4	6	4	4
Teresópolis	R. Carmela Dutra, 661	Willis Fails	129	47	13	2	—	1
Tijuca	R. Silva Telles, 99	Wilson S. Pureza	444	152	152	8	5	12
Vitória	R. Barão de Monjardim, 107	Elverson B. T. Miranda	102	36	11	4	—	4
Volta Redonda	R. Panamá, 11	Heraldo B. Barroso	76	19	12	—	—	—
Distrito do Rio de Janeiro	**R. Silva Telles, 99**	**Valdemar Cury**	**2718**	**978**	**321**	**64**	**30**	**86**
Campina Grande	R. Siqueira Campos, 655	José F. Barbosa	70	18	11	4	—	—
Fortaleza	R. Barão de Aracatí, 786	Ralf L. Price	72	28	21	4	—	—
João Pessoa	Av. João Machado, 765	Luís P. de Carvalho	156	32	19	4	—	—
Recife	R. das Ninfas, 30	Evaldo F. de Oliveira	451	153	137	12	—	12
Distrito de Pernambuco	**R. das Ninfas, 30**	**José Orlando Lemos**	**749**	**231**	**188**	**24**	**—**	**12**
MISSÃO BRASIL NORTE	**R. Stefan Zweig, 158**	**GEORGE A. OAKES**	**5178**	**1800**	**643**	**134**	**40**	**135**

Ex-Missionário no Brasil Resguardado no Vietnam

Roydon M. Olsen



Roydon Olsen estêve no Vietnam durante o ano de 1969 a 1970, participou de várias patrulhas nos arredores de Saigon. Devido à sua excelente conduta, foi chamado para ser assistente de um Capelão (não mórmon) e auxiliava nos ofícios religiosos, tocando órgão para os soldados.

Serviu como missionário na MBS, nos anos de 1964 a 1966, nas cidades de Curitiba, Ponta Grossa, Florianópolis, Pôrto Alegre, Nôvo Hamburgo (Pres. do Ramo), Caxias do Sul e Livramento. É casado com Elisabeth Toronto. O casal tem dois filhos: John (3 anos) e Joshua (5 meses), frequentam a 13.ª Ala da Estaca de Spanish Fork. O Irmão Olsen é formado pela BYU em Português e Inglês, e atualmente leciona Português na Missão de Treinamento de Línguas.

Fazia muito sol. Ainda era cedo, e nós, os fuzileiros da companhia "C" de infantaria do segundo batalhão da terceira brigada, da famosa 82.ª Divisão Aero-Transportada, esperávamos a chegada de uma esquadra de vietnamitas. Estávamos nos arredores de uma vilazinha bem no meio de arrozais, que eram para nós só um brejo, a cinqüenta quilômetros de Saigon.

Enquanto aguardávamos a hora de iniciar as manobras, chegou a molecada da vila, para filar cigarros dos soldados. Uma das crianças vendia picolés, e como eu tinha umas piastras no bôlso que não serviam para nada senão amenizar o suor, decidi comprar picolés para cada um dos meninos. Rufus Burleson, um soldado de côr de Lousiana e muito amigo meu, disse-me: "Devido à sua bondade para com êsses meninos, Deus cuidará de você hoje".

Havia chegado o momento de ir à busca do "vietcong". Ao aproximar-nos da aldeia, orava a Deus que me guiasse a cada passo, pois, havia por todos os lados o que mais temíamos — armadilhas de mina.

O tenente encarregado do pelotão, ordenou que eu e mais três fôssemos explorar certo capão. Encontrava-me à frente do grupo, mas, após alguns minutos, deixei que os outros se adiantassem para poder auxiliar o rapaz que levava a metralhadora. Poucos minutos depois, êste pisou numa mina, e seus estilhaços atingiram os dois que estavam à frente do grupo, mas, embora eu estivesse junto à mina e presenciasse os pedaços da explosão voarem pelo ar, não fui sequer atingido.

Socorri os três feridos e chamei um enfermeiro e helicóptero para levá-los ao hospital. Os soldados do pelotão que nos viram de longe e ouviram a explosão também vieram prestar socorro. Todos se admiraram de que eu não tivesse sido ferido.

Depois do incidente, meu amigo Rufus reafirmou o que eu já sabia: "Por causa da sua fé, as suas orações e de sua família, Deus o protegeu hoje. Eu sabia que o Senhor cuidaria de você".

